



COLÉGIO DE APLICAÇÃO, ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
BÁSICA

**LUCIANA XAVIER DE CASTRO**

***FILOSOFAR E ENSINAR A FILOSOFAR-  
MEMÓRIAS***

Uberlândia- MG

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



COLÉGIO DE APLICAÇÃO, ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
BÁSICA

**LUCIANA XAVIER DE CASTRO**

***FILOSOFAR E ENSINAR A FILOSOFAR-  
MEMÓRIAS***

Memorial apresentado ao Colégio de Aplicação, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (CAp Eseba/UFU), como requisito parcial para promoção à classe de professor titular na carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

Uberlândia-MG

2026

## **BANCA EXAMINADORA:**

### **Titulares da Banca:**

- Professora Dra. Cláudia Silva de Souza- Cap ESEBA/UFU – Membro interno- Presidenta da Banca.
- Professora Dra. Ana Carolina Gomes Araújo- IFG- Membro externo.
- Professora Dra. Miriam Raquel Piazzzi Machado – UFJF- Membro externo.
- Professor Dr. Geraldo Adriano Emery Pereira - UFV- Membro externo

### **Suplentes:**

- Professora Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha – UFG -Suplente externa
- Professor Dr. Christian Alves Martins - Cap ESEBA/UFU – Suplente interno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

C355f  
2026 Castro, Luciana Xavier de,  
Filosofar e ensinar a filosofar [recurso eletrônico] : memórias /  
Luciana Xavier de Castro. - 2026.

Memorial Descritivo (Promoção a Professor Titular) - Universidade  
Federal de Uberlândia, Escola de Educação Básica.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2026.515>

Inclui bibliografia.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Escola de Educação Básica. II. Título.

CDU: 378.124

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Escola de Educação Básica

Av. Adutora São Pedro, 40, Campus Educação Física - Bairro  
Aparecida, Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: (34)3218-  
2946 - www.eseba.ufu.br - eseba@ufu.br

ATA

## ATA DA AVALIAÇÃO DOCENTE PARA A PROMOÇÃO NA CARREIRA DE MAGISTÉRIO FEDERAL DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO/EBTT DA CLASSE DE PROFESSOR C 4 PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR, NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - CAP UFU.

Aos oito dias do mês de abril de dois mil e vinte e seis, às quatorze horas, reuniu-se de forma remota, via plataforma Mteams, de forma online, a Comissão Especial para apreciar o Memorial, exigido legalmente, para promoção à Classe de Professor Titular. A Comissão Especial foi nomeada por meio da Portaria de pessoal UFU nº 1571, de 25 de março de 2026, composta pelos seguintes docentes: Profª Drª Cláudia Silva de Souza- Cap ESEBA/UFU – Membro interno- Presidenta da Banca, Profª Drª Ana Carolina Gomes Araújo- IFG- Membro externo, Professor Dr. Geraldo Adriano Emery Pereira - UFV- Membro externo e Professora Titular Drª Miriam Raquel Piazzzi Machado – UFJF. Apresentou-se à Comissão Especial a candidata à **promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Federal do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da UFU, Profª Drª Luciana Xavier de Castro**, Siape 2767038. Consultado o processo em curso de número 23117.012055/2026-06, a candidata, após cuidadosa análise e aprovação do Relatório de Atividades, conforme o Parecer 10/2026/ESEBA/REITO, homologado pela Decisão Administrativa CONESEBA Nº 16/2026 do órgão deliberativo máximo da Unidade Especial de Ensino, averiguamos que a candidata obteve **hum mil e setenta e dois pontos (1.072,00 pontos)**, sendo autorizada a providenciar o depósito de seu Memorial Descritivo, com documentação comprobatória, no ambiente do SEI, o qual foi disponibilizado para análise dos membros da Comissão Especial designada. Prosseguindo o processo de avaliação de promoção na Carreira Docente da Classe C 4 para a classe de professor Titular, a candidata apresentou-se na referida sala remota, às 14h, para a defesa pública de seu Memorial. Após a apresentação da candidata, os membros da Comissão a arguiram e, em seguida, a avaliaram. Tendo por base os resultados das avaliações, discutidas em seção secreta entre os membros desta Comissão Especial, sem a presença da candidata, e observando rigorosamente os termos constantes da Resolução nº 03/2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia e após as devidas considerações finais, apresentou a candidata e demais presentes, o seu Parecer conclusivo: sendo a candidata **Profª Drª Luciana Xavier de Castro** considerada **Aprovada**, tendo em vista a sua exposição e o conteúdo descrito em seu memorial, em que ficam evidenciados o seu envolvimento e a contribuição, em sua trajetória profissional e acadêmica, para com o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão, sobremaneira desenvolvida no Colégio de Aplicação Cap-ESEBA/UFU. A Comissão Especial desta avaliação encerrou suas atividades às dezesseis horas e dez minutos, do dia 08 de abril de 2026. Nada mais havendo a tratar eu, Profª Drª Cláudia Silva de Souza lavrei a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada por mim e demais membros da Comissão Especial de Avaliação.

Profª. Dra. Cláudia Silva de Souza- Cap ESEBA/UFU-membro interno Profª. Dra.

Ana Carolina Gomes Araújo-IFG-membro externo

Profª. Dra. Miriam Raquel Piazzzi Machado-UFJF-membro externo Prof. Dr.

Geraldo Adriano Emery Pereira-UFV-membro externo



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Silva de Souza, Professor(a) do Ensino Básico,**

**Técnico e Tecnológico,** em 08/04/2026, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Miriam Raquel Piazzini Machado, Usuário Externo,** em 10/04/2026, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Gomes Araújo, Usuário Externo,** em 10/04/2026, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Geraldo Adriano Emery Pereira, Usuário Externo,** em 10/04/2026, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **7209968** e o código CRC **156840AE**.



## DEDICATÓRIA

Dedico essas memórias a todos que fizeram parte da minha história, que contribuíram de variadas formas para eu ter conseguido chegar até aqui. Àqueles passaram por minha vida e já se tornaram memórias, aos que ficaram e aos que sempre estarão.

Dedico a mim,



Dedico especialmente e, sobretudo, ao autor da minha vida, Jesus, sem ele eu nada seria e nada teria. Obrigado por estar comigo desde a concepção até aqui.

*Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo. Amém!*

Mateus 28:20

## AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao meu amado marido, que estava do meu lado, orando comigo, apoiando e me fortalecendo no dia do concurso e em todos os dias, em 14 anos de amor e cumplicidade. À minha filha, que amo tanto, Alice, meu eterno milagre, minha alegria. Nosso amor, nosso lar, são minha paz em meio às tempestades, meu motivo de continuar.

Agradeço a minha mãe Vânia Lúcia, por ser minha referência de mulher e pelo seu amor incondicional. Aos meus irmãos, Daniel e Juliana, pelo apoio, amor e cuidado em nossa caminhada. Ao meu pai Zezinho, pelos seus ensinamentos; aos meus amados vovô Josué e saudosa vovó “Nega”. Ao meu padrasto Luiz, fonte de carinho e afeto. Meus cunhados José Guilherme e Marlene; meus amados sobrinhos Lucas e Isabela. Minha família sempre foi e será fundamental em minha vida.

Agradeço ao Colégio de Aplicação, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, à gestão, aos meus colegas e meus/minhas estudantes, juntos/as comigo nessa jornada, onde aprendi tantas coisas e continuo aprendendo todos os dias. Agradeço, especialmente, ao Rones Aureliano de Sousa, pelos nossos desafios e conquistas nessa trajetória. À minha querida amiga Claudia Silva de Souza, pela escuta, conversas, apoio e amizade; à Quênia Côrtes dos Santos Sales, por sua amizade e acolhimento. E a tantos outros/as que de uma forma ou de outra me ajudaram a permanecer.

Agradeço ao Instituto de Filosofia da UFU, por toda a minha formação, especialmente ao meu eterno orientador, José Benedito de Almeida Júnior, que foi e é fonte de formação, conhecimento e acolhimento, desde os tempos da graduação.

Agradeço aos membros da banca, que dispuseram de seu precioso e escasso tempo, para a leitura desse memorial e por terem aceitado fazerem parte desse processo.

## RESUMO

O presente memorial foi elaborado para compor o processo de avaliação de desempenho acadêmico para acesso à classe Titular da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Colégio de Aplicação, da Escola de Educação Básica, da Universidade Federal de Uberlândia (CAp Eseba/UFU), conforme diretrizes gerais e critérios estabelecidos pela Lei 12.772, de 2012, Resolução 03/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (CONDIR/UFU) e Portaria do Ministério da Educação n.º 982, de outubro de 2013. Nesse memorial, discorro sobre minha experiência como estudante, pesquisadora e professora de Filosofia. Evidencio minha história de vida, que foi determinante para minha identidade e para o exercício da minha profissão. Em suma, apresento minha trajetória, produção acadêmica e meu fazer pedagógico.

**Palavras-chave:** Memorial. Carreira EBTT. Trajetória; Docência; Pesquisa; Educação Básica; Ensino de Filosofia

## ABSTRACT

This memorial was prepared as part of the academic performance evaluation process for promotion to the rank of Full Professor in the Basic, Technical, and Technological Education Teaching Career (EBTT) at the Application School (Colégio de Aplicação), within the Basic Education School of the Federal University of Uberlândia (CAp Eseba/UFU), in accordance with the general guidelines and criteria established by Law No. 12,772 of 2012, Resolution No. 03/2017 of the Board of Directors of the Federal University of Uberlândia (CONDIR/UFU), and Ordinance No. 982 of October 2013 issued by the Ministry of Education.

In this memorial, I discuss my experience as a student, researcher, and professor of Philosophy. I highlight my life history, which has been fundamental to shaping my identity and the practice of my profession. In summary, I present my trajectory, academic output, and pedagogical practice.

**Keywords:** Memorial. EBTT Career. Trajectory; Teaching; Research; Basic Education; Philosophy Teaching.

## SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	7
2- CAPÍTULO 1: DIÁRIO DE UMA CRIANÇA, ADOLESCENTE, ADULTA E PROFESSORA: SONHOS QUE SE TORNARAM REAIS, UMA JORNADA DE DESAFIOS E REALIZAÇÕES.....	9
3-CAPÍTULO 2: PESQUISADORA.....	19
3.1- Mestrado- Religião em Rousseau: <i>A Profissão de fé do Vigário Saboiano</i> ” (2010).....	20
3.2- Doutorado- A Influência do cristianismo na Filosofia de Jean-Jacques Rousseau (2023).....	26
3.3-Pós- Doutorado: Educação, Moral e Política na obra de Marie Huber.....	35
3.4-A Pesquisa no Universo do Filosofar e Ensinar a Filosofar.....	41
3.5-Participação em Grupo de Pesquisa.....	43
4-CAPÍTULO 3: FILOSOFAR E ENSINAR A FILOSOFAR: DESAFIOS CONQUISTAS.....	45
4.1- O ensino de Filosofia para/com crianças e adolescentes, conceito e histórico.....	51

4.2- O ensino de Filosofia no Colégio de Aplicação / Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.....	51
5- CAPÍTULO 4: EXTENSÃO, GESTÃO E DEMAIS TRABALHOS REALIZADOS.....	76
5.1-Extensão.....	76
5.2-.Gestão.....	79
5.3-Orientação.....	81
5.4- Organização de eventos.....	84
5.5- Apresentações de comunicações em eventos científicos.....	85
5.6-Participação em Bancas.....	86
5.7-O período pandêmico e o trabalho com o programa institucional Diário de deias.....	88
6.-CONCLUSÃO.....	92
7-REFERÊNCIAS.....	98
8ANEXOS.....	102

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta memórias de uma professora e pesquisadora de Filosofia, desde quando chegar até aqui ainda era um sonho.

Sou docente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia desde dezembro de 2009, inicialmente, como professora substituta, até a aprovação em primeiro lugar, no concurso público de 2010; em que tomei posse em dois de agosto daquele mesmo ano. Desde então, tenho atuado no ensino, pesquisa, extensão e gestão dessa unidade, vivenciando aprendizados, desafios e conquistas; nos quais pretendo relatar neste memorial.

Primeiramente, irei discorrer sobre minhas memórias de infância, minha formação e sonho de um dia me tornar professora. Nesse período da minha vida, ainda não tinha ideia qual disciplina eu iria lecionar, eu só queria ser professora. Depois de uma longa jornada, aqui estou há 16 anos.

Nessa trajetória, minha formação acadêmica foi decisiva para conquistar esse lugar, por isso faz parte deste memorial. “Viajarei” a um passado distante para trazer minhas vivências até aqui, decisivas em minhas escolhas. Por que Filosofia e por que ensinar a filosofar?

Essa jornada intensa de me tornar professora foi impulsionada, a princípio, pela Luciana pesquisadora. Ouso dizer que sem a pesquisa, não haveria uma professora. Por isso, apresentarei as pesquisas que estimularam meu pensamento e dele, minha prática docente.

Finalmente docente, nasce a reflexão advinda da prática, a problemática do “Filosofar e ensinar a Filosofar”. Para isso, é preciso compreender o significado propriamente do filosofar. Ao longo da história da Filosofia, muitos pensadores se dedicaram a conceituar o fazer filosófico, resta a mim com professora e pesquisadora compreender essa questão, para dela extrair minha prática e o sentido de: ensinar filosofia, ensinar a filosofar e filosofar em parceria com os estudantes.

Para mim, o universo do Filosofar e ensinar a Filosofar se aprofunda onde estou. Entretanto, antes de ser parte dessa instituição, outros lugares me possibilitaram vislumbrar um universo, até então, tão novo para mim. Estágio, trabalho exercido em uma

escola municipal, uma escola estadual e uma escola particular, fizeram parte da minha práxis filosófica, me deram fundamentos para o desenvolvimento pleno do meu trabalho, que se deu e continua em movimento na Área de Filosofia do Cap ESEBA/UFU.

Essa instituição me ensinou muitas coisas para além do universo do Ensino de Filosofia, ela me permitiu aprofundar minhas pesquisas, conhecer e exercitar a extensão e, de forma desafiadora, a gestão, como coordenadora da área de conhecimento a qual faço parte. São muitos aprendizados e desafios vividos até aqui, mas destaco um dos mais importantes aprendizados para mim, ver de perto o que significa uma educação e gestão democrática, com foco na diversidade e inclusão. Observar esses princípios se costurando e se desenvolvendo em meio a situações desafiadoras, trouxeram e trazem resultados de uma educação sonhada por muitos, que é praticada nesse lugar em que atuo.

Enfim, aqui contém frutos de um pensar e fazer filosófico, nas palavras de Fernando Pessoa,

“Sou um guardador de rebanhos,  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes,  
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,  
Sei a verdade e sou feliz.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> PESSOA, F. O Guardador de Rebanhos, In Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa: Ática. 1946 (10ª ed. 1993). p. 39

## CAPÍTULO 1

### **DIÁRIO DE UMA CRIANÇA, ADOLESCENTE, ADULTA E PROFESSORA: SONHOS QUE SE TORNARAM REAIS, UMA JORNADA DE DESAFIOS E REALIZAÇÕES**

Nasci em Paracatu-MG em 11 de outubro de 1981, filha de uma nobre professora, Vânia Lúcia e de um famoso (na região) professor de música, José de Castro (mais conhecido como Zezinho do Violão); irmã mais nova de Daniel e Juliana. Ainda na tenra idade, acompanhei a formação da minha mãe concluindo com luta<sup>2</sup>, como é para todas as mulheres, em 1986, o Magistério, que havia interrompido para se casar e ter três filhos; posteriormente, ela cursou faculdade de História, concluindo em 1993. Antes de concluir o ensino superior, minha mãe se tornou professora em março de 1987, na *Escola Municipal Maria Trindade Rodrigues*<sup>3</sup>, no povoado Lagoa de Santo Antônio, localizado na zona rural de Paracatu-MG. E em todos esses momentos lá eu estava, a filha caçula que acompanhou a mãe em toda essa jornada de ser estudante e professora, o que despertou em mim o sonho de se tornar como minha mãe, uma professora.

Eu iniciei meus estudos em 1986, antigo pré-escolar, hoje primeiro ano, mas quase não frequentava a Escola Estadual em que eu estava matriculada, vivia chorando para ir para o trabalho com minha mãe. Eu amava estar junto dela, vê-la dar aulas. Naquela época ela era uma alfabetizadora e seus/suas estudantes tinham a mesma idade que a minha. Ficava ali, paradinha, só observando, porém, também, frequentava a cantina, biblioteca, todos os espaços daquele lugar, eu era muito feliz. Lembro-me que uma vez, a professora do “Jardim” havia faltado e como eu era um ano mais velha que as crianças daquela turma, minha mãe me colocou para “cuidar” daquela sala. Ali, naquele momento, eu consegui

---

<sup>2</sup> A luta das mulheres mães para estudar e trabalhar é marcada por desafios diários. Muitas vezes, nós precisamos dividir nosso tempo entre os cuidados com os filhos (as), as responsabilidades da casa, geralmente não compartilhadas pelos companheiros, quando há um. O trabalho e os estudos, enfrentados com cansaço, falta de apoio e, em muitos casos, dificuldades financeiras. Mesmo diante dessas inúmeras barreiras, mulheres e mulheres mães persistem, porque sabem que a educação e o trabalho podem abrir caminhos para uma vida melhor para si e para seus filhos (as). Essa jornada exige coragem, organização, resistência, sacrifícios e revela a importância de políticas públicas, redes de apoio e maior compreensão da sociedade para que nós, mulheres, possamos exercer plenamente nossos direitos e alcançar nossos objetivos. Políticas essas que só podem ser alcançadas com debates que envolvam toda a sociedade, daí a importância dos movimentos feministas ao longo da história para que essas garantias sejam alcançadas. Mas a realidade nos revela que ainda há muitas lutas a serem vencidas.

<sup>3</sup> Escola Municipal Maria Trindade Rodrigues. Disponível: <https://www.instagram.com/reel/DRcTiQSFflj/> Acesso: 11 de março de 2026.

fantasiar que eu era professora daquelas crianças e resolvi ensinar o alfabeto a elas. Todas ficaram quietinhas, me ouvindo, e eu consegui desempenhar muito bem a função que minha mãe designou. Foi naquele dia que entendi o porquê eu gostava tanto de estar naquele lugar, por vivenciar a rotina de uma escola em todos os seus espaços e por ter tido a oportunidade de dar aula para pessoas e não somente para bonecas. Foi ali que nasceu meu sonho, eu tinha apenas 6 anos.

Minha mãe se formou na faculdade e daquela escola se despediu, seguiu seu caminho no Ensino Fundamental dois, passou pelo Ensino Médio, e eu estava sempre lá, da infância à adolescência; e, posso dizer hoje, com clareza, que ela foi minha grande inspiração. Todavia, eu não poderia deixar de falar do meu pai, como professor de música. Fui sua aluna e ouvinte e, apesar de áreas de fazeres distintos da minha mãe, também alimentaram meu sonho de ser professora. Eu não poderia escrever esse memorial, sem contar minha jornada, pois ela me impulsionou até aqui, até eu poder dizer que em meio a tantos desafios, eu sou realizada.



(Acervo da autora)

Já minha caminhada como estudante não foi nada romântica, tive grandes momentos, mas muitas situações traumáticas que só me mostraram que tipo de professora eu não deveria ser. Não é possível contar como foi do pré-escolar ao ensino médio, no entanto sinto vontade de fazer um relato de experiência de momentos que me marcaram

negativamente e positivamente, pois eles constituem quem eu sou enquanto pessoa e consequentemente como professora.

Fiz a então chamada escola primária toda em uma escola pública tradicional de Paracatu-MG, conhecida por ser uma excelente escola. Minha mãe, meus irmãos também estudaram lá, mas suas vivências foram bem diferentes das minhas; talvez por saber hoje o que naquela época nem eu ou minha família tinham ideia do porquê minha experiência escolar ter sido tão diferente da dos meus irmãos.

Na escola sempre me sentia diferente das outras crianças e mantinha um distanciamento delas, por vezes, conseguia fazer, com dificuldade, amizades únicas. Na escola eu era uma criança solitária que sempre sofria bullying<sup>4</sup>. Naquela época, a escola era um lugar rígido em que pessoas “diferentes”, que não se desenvolviam dentro de um padrão pré-estabelecido, sofriam muito e eram marcadas pela incompreensão; acredito que até os tempos atuais isso aconteça, mas, sem dúvida, nos anos 80/90 a conscientização era menor. Em sala eu apresentava uma timidez excessiva, não usava cores em meus desenhos e tinha uma enorme dificuldade de concentração. Uma vez, na então segunda série, minha mãe foi chamada à escola e a professora disse a ela que se eu concentrasse poderia ser a melhor da turma, por ser muito inteligente, todavia eu não prestava atenção, vivia em meu mundo fechado e coloria tudo de preto. E as coisas ficaram por isso mesmo, minha mãe não compreendia a situação e a professora ignorava, afinal, eu cumpria as regras disciplinares, ali no canto da sala, calada, eu não dava trabalho. Um outro episódio marcante para mim, esse na primeira série, foi quando minha professora rasgou meu caderno em minha frente e diante de toda a turma afirmando que era um lixo. Aquele momento ficou marcado em minha memória. Contudo, mesmo diante dessas cenas tristes, eu segui e consegui vencer a primeira etapa dos meus estudos.

No Ensino Fundamental 2 e 3, já nos anos 90, mudei de escola, essa eu amava, o que não significa que foi um conto de fadas, mas apenas uma representação da vida, com altos e baixos. O bullying continuava, o sentimento de inadequação também; contudo naquela etapa da vida, mas consciente de mim mesmo, tive professores que acreditaram em mim e outros que provocavam medo. Era um universo imenso para mim, e minha

---

<sup>4</sup> Bullying é caracterizado por atos agressivos, intencionais e repetitivos, físicos ou psicológicos, praticados por um indivíduo ou grupo, sem motivação clara, com o intuito de intimidar, humilhar ou causar dor à vítima. Ocorre frequentemente no ambiente escolar, gerando consequências emocionais graves, e é considerado um problema de saúde pública e um crime. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487> Acesso em: 11 de março de 2026.

dificuldade de estar no ambiente escolar permanecia. A sensação que eu tinha era que muitos dos professores não falavam minha língua. Eu ficava ali no fundo da sala só observando, ora compreendia, ora não. Matemática era meu pesadelo e eu me sentia invisível por muitos professores e colegas. Época de provas eram meu pior pesadelo, a linguagem era o medo, eu não conseguia nem perceber onde eu estava, me entregavam a prova, especialmente a de matemática e eu comia pedaços da prova sem perceber. Ninguém compreendia o motivo, então brigavam ou ignoravam.

Mas, “para não dizer que não falei de flores”, tinha um apreço especial por feiras de ciências, me dedicava em todas elas e sempre me saía bem. Eu era muito boa em comunicação em público, mas péssima em relacionamentos interpessoais, apesar de nesta etapa da vida, já ter avançado um pouco. Na sétima série meu projeto e de meus poucos amigos (3) foi campeão na escola, fomos então convidados para concorrer em nível municipal, também ganhamos em primeiro lugar e fomos então para a etapa estadual. Ganhamos a etapa estadual, o trabalho era “Energia solar, o futuro em suas mãos”. No outro ano fizemos a continuação do mesmo trabalho e fomos vencedores, guardarei esse momento para sempre, como a primeira grande conquista da minha vida, aos 13 anos. Continuei nessa mesma escola até o primeiro ano do ensino médio, à medida que crescia, superava desafios acadêmicos e sociais, mas outros permanecem em mim até hoje.

No ensino médio, tinha conseguido, finalmente, fazer amizades, poucas, como sempre, mas com vínculos maiores, aprendi a lidar com bullying e aprimorei minha camuflagem social, dando a mim uma aparência de “normalidade”. Nesse período, o vínculo com a igreja e movimentos de jovens, me ajudou a superar muitos problemas emocionais e a ser cada vez mais sociável, sob muito custo emocional e sensorial, mas eu disfarçava bem.

Nessa época me apaixonei pelas aulas de literatura, eu amava ler, eu amava ouvir histórias e as ciências me encantavam. Muitos professores passaram por minha vida e deixaram marcas positivas e outras traumáticas. Entretanto, mesmo aqueles que quase me fizeram desistir, não retiraram de mim o sonho de lecionar.

O terceiro ano do Ensino Médio chegou, e nele a pergunta: \_o que farei da minha vida? \_ Serei professora! Mas, de quê? Acho que Literatura, ou melhor História! Não, Biologia. Porém, apesar de gostar muito dessas disciplinas, nenhuma parecia responder e desvendar todos os sentimentos e perguntas que estavam dentro de mim. Concluí o Ensino

Médio aos 18 anos em 1999 e me mudei em setembro de 2000 para Uberlândia-MG, com o objetivo de continuar meus estudos. A minha mãe com sua voz marcante e determinante, desde a nossa infância, dizia: \_ vocês precisam estudar e passar em concurso público, todos três! Com ela foi assim, superou desafios, passou por um divórcio, com três filhos ainda adolescentes e, ainda assim, foi aprovada em três concursos públicos e escolheu dois cargos para exercer sua profissão. Ela dizia que toda mulher precisa ter sua independência, não tinha obrigação de se casar, contudo possuía a obrigação de conquistar sua estabilidade financeira por meio do estudo e de uma aprovação em concurso. Ela quis passar essa “receita” para suas filhas, que também valeu para meu irmão. Fomos os três em busca do caminho sugerido por ela.

Minha irmã foi a primeira a sair, vindo para Uberlândia para conquistar seu “lugar ao sol”, aqui ela cursou Ciência Contábeis na UFU e se tornou funcionária pública. Meu irmão também é funcionário público. E eu? Afinal, esse memorial é sobre mim. Contudo minha jornada se coincide e passa pela trajetória da minha família de origem, sem eles eu não estaria onde estou, pois um impulsionou o outro.



(Acervo da autora)

Voltando à minha história, ao chegar em Uberlândia-MG em setembro de 2000, onde morei com minha irmã, iniciei um cursinho pré-vestibular e logo tive que começar a trabalhar para ajudar nas despesas. Não era fácil para minha mãe manter sozinha duas filhas. Minha irmã fazia faculdade na UFU e trabalhava, e eu fazia cursinho, além de trabalhar em um Call Center. Aqui, retorno à minha questão inicial, qual curso fazer? Pensei em Ciências Biológicas e tentei vestibular, mas não fui aprovada, minha jornada de trabalho era exaustiva e, também, era uma profissão adoecedora para mim e para muitos, eu não tinha tempo hábil para estudar e havia muitas lacunas que ficaram do ensino básico, como Filosofia e Sociologia, por exemplo. Eu não tive contato com essas disciplinas em minha grade curricular no Ensino Médio. Como eu gostava muito de ler, sempre conseguia um tempo para leituras, minha irmã possuía um livro chamado “O Mundo de Sofia<sup>5</sup>”, no cursinho eu estava aprendendo sobre filosofia. Foi da junção desses dois fatores que eu me encontrei na Filosofia, eu ficava encantada com aquele saber, tão novo para mim e descobrir que queria mais, queria aprender Filosofia, então, passei no vestibular em comecei a cursar bacharelado e licenciatura em Filosofia em 2003, na Universidade Federal de Uberlândia, me formado em março de 2008, pois havia enfrentado muitas greves.

Durante o curso, apesar de um masking<sup>6</sup> mais consolidado, também lidei com a indiferença da turma e ouvi de uma colega tempos depois, “\_eu te achava muito esquisita”. Retornou aqui muitos desafios pessoais que enfrentei durante o curso. Mas, apesar deles, consegui concluir a graduação com um excelente aproveitamento, fiz alguns amigos, iniciação científica (eu sempre amei pesquisar) e me tornei oradora da turma em nossa formatura. Entrei logo em seguida no mestrado (2008) em Filosofia e fui aprovada em dois concursos, em 2009, passei no concurso público do IFTM-Campus Paracatu, em segundo lugar, e em 2010, logo após concluir o mestrado em Filosofia, passei no concurso para docente do Cap ESEBA/UFU, onde tomei posse e aqui estou.

---

<sup>5</sup> GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>6</sup> Masking (ou mascaramento). Essa estratégia envolve esconder características do autismo, como suprimir movimentos repetitivos e imitar comportamentos neurotípicos, para se adequar socialmente e evitar julgamentos, resultando frequentemente em exaustão extrema e diagnósticos tardios. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/o-que-sao-masking-e-camuflagem-no-contexto-do-autismo-e-do-tdah/#:~:text=se%20encaixar%20socialmente,-.Como%20perceber%20um%20%E2%80%9Cmasking%E2%80%9D%20ou%20camuflagem%20no%20autismo%20e%20tdah,ambientes%20sociais%20inclusivos%20e%20diversos>. Acesso: 11 de março de 2026.

Casei-me em 16 de dezembro de 2011, com Lucas Eduardo, que se tornou e é meu refúgio. Em 28 de junho de 2017 nasceu minha filha, querida Alice. Formei assim minha família, movimentos da vida que me transformaram e acrescentaram traços a minha identidade como pessoa e como professora. Quando minha filha nasceu, houve uma guinada em minha vida e em minha carreira, antes eu dava aulas para os anos finais do Ensino Fundamental e para me aprofundar na infância, resolvi ir para um outro lugar, os anos iniciais do ensino fundamental, passei a dar aulas na ESEBA para crianças de 6 a 11 (1º ao 5º ano), o que mudou completamente minha perspectiva sobre educação e ensino de Filosofia.



(Acervo da autora)

Enfrentei muitos desafios na ESEBA, estava diante de um mundo totalmente novo para mim, um lugar diferente de todos que já estive. A minha dificuldade natural de adaptação me levou a viver situações desafiadoras. Saber falar em público e conduzir bem uma aula não era suficiente. Eu precisava lidar com a diversidade de pessoas, ideias e formas de compreensão do que é a educação.

Meu primeiro contato no Colégio de Aplicação foi com turmas composta por adolescentes, naquele momento a Área de Filosofia não estava consolidada e estruturada ao ponto de nos dar a base necessária para a realização do nosso trabalho. Foi preciso,

como contarei em outro momento deste texto, estruturar a área, para depois conseguir êxito no ensino.

Nos cinco primeiros anos na instituição, nosso principal desafio (digo nosso, pois incluo meu colega de área) era fazer com que a comunidade compreendesse a importância do ensino de Filosofia e o que ela significava de fato. Os/As estudantes não a percebiam como algo importante ou até mesmo necessário. Os/as alunos (a) dos anos finais vinham de uma cultura de que a aula de Filosofia era momento de brincar, conversar e não fazia sentido algum para eles. Isso foi muito desafiador para mim, o barulho em sala, a tentativa de aplicar os planejamentos que eu dedicava horas para fazer e não conseguia o êxito que eu lograva, provocavam em mim uma desregulação emocional, sensorial e causavam doenças psíquicas e físicas, que eu não compreendia o porquê. Eu quase pensei em desistir, todavia o sonho de me sentir realizada na carreira, mesmo diante de todas essas dificuldades não me deixou desistir.

Aos poucos, o público-alvo foi mudando, ao saírem da escola quando concluíam o nono ano e as coisas foram se resolvendo gradualmente. Além disso, para resolver nossas questões, eu e Rones<sup>7</sup>, desde nossa posse, nos dedicamos a pesquisar sobre Ensino de Filosofia para/com crianças e adolescentes, estruturamos nossa área e organizamos um currículo<sup>8</sup>. No sentido de criar um “curso de filosofia” do primeiro ao nono ano, organizamos nossa metodologia de ensino. Nesse contexto, as dificuldades iniciais se tornaram história. Não posso dizer que hoje não há desafios, a educação é sempre complexa, no entanto, diante dessa complexidade, continuo exercendo, com dificuldades pessoais, a resiliência e, posso dizer, que me sinto vencedora por ter chegado até aqui e realizada em minha profissão. Meu olhar para a instituição se transformou, me trazendo alegria de estar ali, parece que depois de 5 longos anos, já adaptada, tudo se transformou e continua se transformando e evoluindo.

Nosso Colégio de Aplicação é uma Unidade Especial de Ensino, dentro de uma Universidade, somos da carreira EBTT<sup>9</sup>, faz parte das nossas atribuições ensino, pesquisa, extensão e gestão. Ao longo da minha caminhada, estive em todos esses espaços. São

---

<sup>7</sup> Rones Aureliano de Sousa é mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, Brasil (2015). Professor Ensino Básico Técnico e Tecnológico, da Área de Filosofia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente cursando doutorado em Filosofia no PPG-FIL/UFU.

<sup>8</sup> É importante destacar que não há parâmetros curriculares legais estabelecidos para o Ensino de Filosofia no Ensino Fundamental, visto que não é obrigatório.

<sup>9</sup> EBTT, Ensino Básico Técnico e Tecnológico.

inúmeras reuniões, atribuições, desenvolvimento de trabalho para além daquilo que se imagina em uma instituição de Educação Básica. Precisei me adaptar e trazer contribuições em cada uma dessas áreas, que contarei com detalhes no decorrer desse memorial. Tudo isso foi e ainda é muito complexo para mim, mas hoje, depois de 16 anos, consigo lidar com essas demandas de forma mais tranquila que nos anos iniciais da minha carreira. A minha maturidade pessoal e profissional se desenvolveu muito, diante da complexidade dos fazeres e da aprendizagem em muitos momentos vividos. Em minha carreira, sempre estive ao meu lado, desafios e superações.

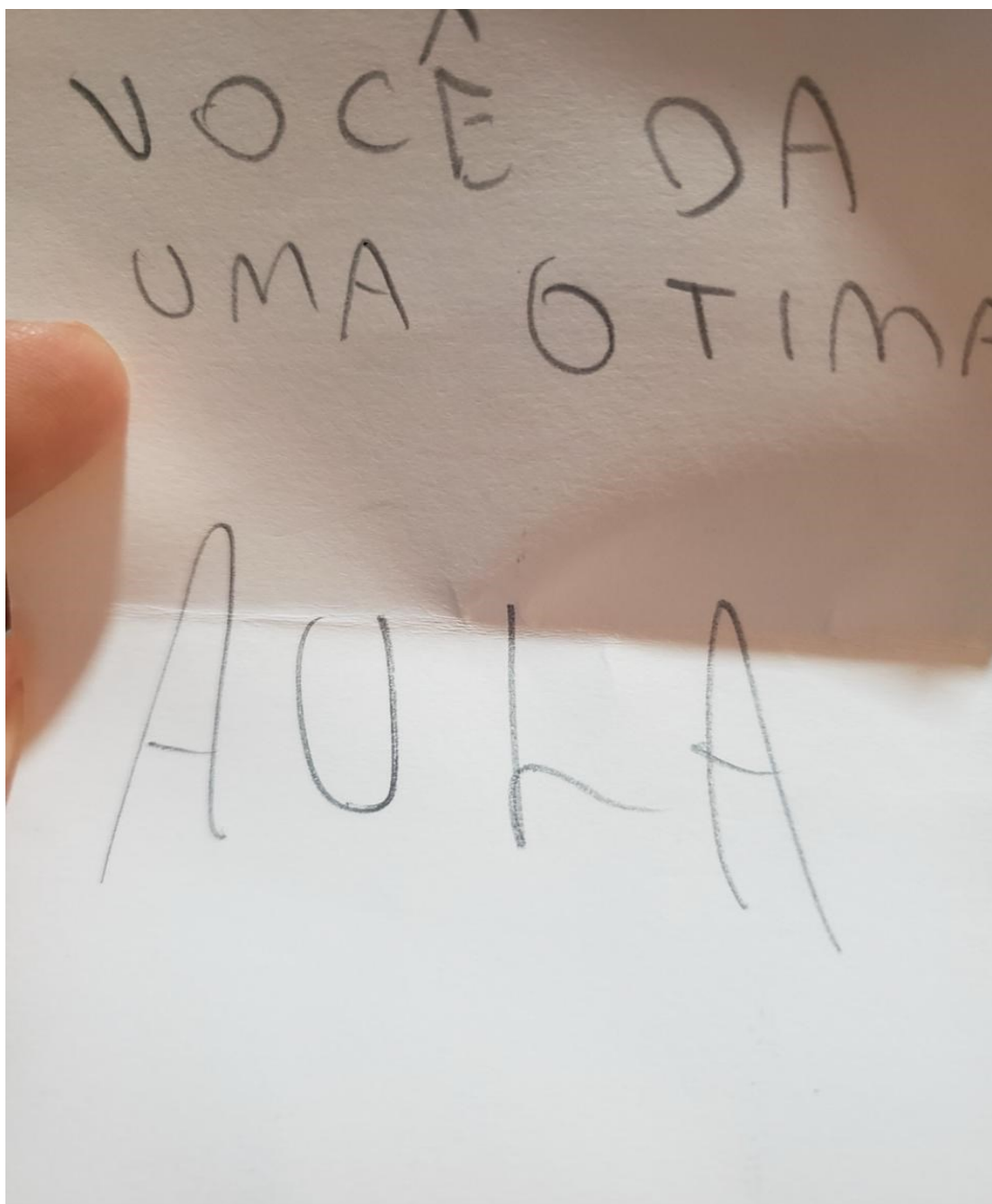
Entretanto, por que o sentimento de que tudo foi tão difícil para mim, diferente do que foi para meus colegas (penso eu)? Às vezes, fico observando alguns sempre sorridentes, tranquilos, e eu sempre me equilibrando entre “paz e guerra”. Em uma busca pessoal de autoconhecimento e respostas, comecei uma investigação, que se iniciou em 2024 e veio a resposta em 2025, sou autista nível 2 de suporte, sem deficiência intelectual e com superdotação (altas habilidades). O diagnóstico foi um divisor de águas em minha vida, compreendi minha história, relatada aqui, minha dificuldade em espaços públicos e as constantes desregulações, afinal sou professora da Educação Básica, atuo em um ambiente com diversos profissionais, que está em constante movimento e mudanças, o que é natural e positivo para a instituição, e com crianças e adolescentes que fazem barulho, que questionam regras e que nos desafia dia a dia. Porém reflito, mesmo diante dessa condição, eu consegui, venci os desafios da infância e adolescência, me tornei a mulher que sou, esposa, mãe e docente. E, olhando para trás e avaliando minha história, posso dizer que venci e sou feliz. Venci e venço a cada dia que saio feliz de uma aula, que ganho um desenho, bilhetinhos, abraços coletivos, que as crianças fecham a porta da sala para eu não ir embora, que vejo elas filosofando ao debaterem temas filosóficos, a cada resposta que ouço em nossos diálogos e nas atividades. Venci nos laços de amizade construídos ao longo dos anos, ao aprender com meus colegas professores/as, técnicos/as, ao reconhecer e admirar o trabalho de excelência realizado pela comunidade ESEBA. Percebo também que venci, ao ver que eu e a equipe que eu fiz parte<sup>10</sup>, fizemos por anos um projeto de extensão de relevância para toda a comunidade, pelos artigos que escrevi, capítulos de livro publicados, livro organizado e um livro escrito por mim e, por fim, por

---

<sup>10</sup> Projeto de extensão **Integrar**, do Cap ESEBA/UFU.

ver a Área de Filosofia e o ensino de Filosofia sendo respeitado e tratado com equidade por toda a comunidade ESEBA.

Espero que as palavras descritas neste pequeno capítulo introdutório tenham sido capazes de demonstrar, mesmo que de forma sucinta, que a história da minha vida, minha identidade, meus desafios e minha condição autista, constituem a essência e o fazer da professora de Filosofia Luciana Xavier de Castro.



(Acervo da autora)

## CAPÍTULO 2

### A PESQUISADORA

Conforme dito, cursei bacharelado e a licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia, à época, o curso tinha duração de 5 anos. Durante os cinco anos de curso, a pesquisa sempre esteve presente em meu cotidiano. Particpei de um projeto de graduação por dois anos, como bolsista, cujo foco era o Ensino de Filosofia no Ensino Fundamental e Médio. Nesse projeto realizamos pesquisas, organização de eventos acadêmicos, minicursos, produção de material didático e artigos. Foram os trabalhos realizados nesse projeto que me despertaram o interesse pela pesquisa. Alguns dos trabalhos escritos, frutos das pesquisas realizadas na graduação:

- **CASTRO, L. X.** Metodologia do ensino de filosofia para/com crianças e adolescentes. In: I Encontro de Filosofia dos Níveis Fundamental, Intermediário, Técnico e Tecnológico do Triângulo Mineiro, 2008, Uberlândia MG.
- **CASTRO, L. X.** Filosofia com Crianças: O Conhecimento. In: Novas Perspectivas Teóricas e Práticas do Ensino de Filosofia, 2009, Uberlândia. Filosofia com Crianças: O Conhecimento, 2009.
- **CASTRO, L. X.;** Caroline Mendes de Carvalho; Angélica Silva Costa. Filosofia com crianças: A teoria e a prática. In: VII Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia: VII Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia, 2007, Porto Alegre RS.

No decorrer do curso, o contato com as disciplinas da graduação sobre *Filosofia Política*, em especial, a *Moderna*, me conduziram aos estudos do pensamento de *Jean-Jacques Rousseau*. A primeira obra lida foi *O Contrato Social*<sup>11</sup> e logo o capítulo da *Religião Civil* me chamou atenção, em seguida, vieram as demais obras de referência desse filósofo.

Desde então, minhas pesquisas sobre a filosofia do genebrino se aprofundaram em diversas áreas do seu pensamento, como, política, moral, educação e a religião que perpassa todas essas. Essas pesquisas resultaram em publicações de artigos em revistas e eventos científicos, resumos e comunicações. Foram tema do meu TCC, em que

---

<sup>11</sup> ROUSSEAU, Jean – Jacques. *O contrato social e outros escritos*. Trad. Rolando Roque da Silva. Ed. Cultrix; São Paulo, 2005

apresentei um estudo inicial do capítulo *Da Religião Civil* e da minha dissertação de mestrado, cujo tema foi “O pensamento religioso de Rousseau” a partir do *Livro IV* do *Emílio*. Essa se tornou livro, publicado posteriormente à defesa, com o título *Reflexões sobre o pensamento religioso de Jean-Jacques Rousseau*. Entretanto, muitas perguntas acerca dessa temática ainda ficaram sem respostas e se tornaram ponto de partida para meu projeto de doutorado.



Luciana Xavier de Castro

## Reflexões sobre o pensamento religioso de Jean Jacques Rousseau

"A Profissão de Fé do Vigário Saboiano"

 Novas Edições Acadêmicas

12

### **Mestrado- Religião em Rousseau: *A Profissão de fé do Vigário Saboiano*” (2010)<sup>13</sup>**

Em meu mestrado me dediquei a pesquisar sobre o texto *A profissão de fé do Vigário Saboiano*, contida no Livro IV do *Emílio ou da Educação*<sup>14</sup>. Meu objetivo era

---

<sup>12</sup> CASTRO, L. X. Reflexões sobre o pensamento religioso de Jean-Jacques Rousseau. 1. ed. Novas Edições Acadêmicas, 2016. v. 1. 153p.

<sup>13</sup> CASTRO, Luciana Xavier de. **Religião em Rousseau: a profissão de fé do Vigário Saboiano**. 2010. 148 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

<sup>14</sup> ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou da Educação*, tradução de Roberto Leal, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

compreender como Rousseau desenvolveu uma concepção de religião fundamentada na consciência moral e na experiência interior, bem como examinar de que modo essa concepção se articula com sua filosofia política e pedagógica.

O trabalho partiu do pressuposto de que a reflexão religiosa ocupa um lugar fundamental na filosofia rousseauiana. Longe de ser um tema marginal, a religião constitui um elemento estruturante que conecta diversos aspectos do pensamento do filósofo, especialmente a moral, a educação e a política. A dissertação procurou demonstrar que a religião natural defendida por Rousseau, representa uma alternativa às formas tradicionais de religião institucionalizadas, propondo uma experiência religiosa mais íntima, baseada na consciência e na observação da natureza.

Nesse sentido, o estudo examina o discurso do Vigário Saboiano<sup>15</sup> como uma espécie de exposição sistemática da religião natural rousseauiana. Ao mesmo tempo, buscou evidenciar a relação entre essa concepção religiosa e a teoria da religião civil apresentada posteriormente no *Contrato Social*.

- **Contexto filosófico e religioso**

O primeiro momento da análise apresenta o contexto intelectual no qual se insere o pensamento de Rousseau. O século XVIII foi marcado pelo movimento iluminista, caracterizado pela valorização da razão, pela crítica às autoridades tradicionais e pela busca de fundamentos racionais para a organização da vida social e moral.

Nesse contexto, diversos pensadores passaram a questionar a autoridade das igrejas e das doutrinas religiosas estabelecidas. Surgiram então debates sobre a possibilidade de uma religião natural, isto é, uma religião baseada na razão e na experiência humana, independentemente da revelação divina ou da tradição eclesiástica.

Rousseau participou dessas discussões, mas sua posição apresentava características próprias. Ao contrário de alguns filósofos iluministas que adotaram posições materialistas ou cétricas, Rousseau mantém uma profunda convicção religiosa. Contudo, ele criticou duramente as instituições religiosas e os sistemas teológicos que, em sua opinião, distorcem a verdadeira experiência religiosa.

---

<sup>15</sup> Principal personagem do trecho A profissão *de fé do Vigário Saboiano*, contida no Livro IV do *Emílio ou da Educação*.

Argumento em meu texto que Rousseau busca conciliar razão, sentimento e moralidade na construção de uma concepção religiosa, que preserve a dimensão espiritual da existência humana sem recorrer ao dogmatismo religioso.

- **A Profissão de Fé do Vigário Saboiano**

O núcleo da minha dissertação é dedicado à análise da *Profissão de fé do Vigário Saboiano*. Nesse trecho de *Emílio*, Rousseau apresenta um personagem que narra sua própria trajetória intelectual e espiritual. O Vigário descreve como, ao longo de sua vida, passou a questionar os sistemas religiosos tradicionais e a buscar uma compreensão mais autêntica da religião.

O discurso do Vigário assume a forma de uma reflexão filosófica na qual são examinados diversos temas fundamentais, como a existência de Deus, a natureza da alma, a liberdade humana e os fundamentos da moralidade. Em vez de partir de dogmas religiosos ou autoridades teológicas, o Vigário propõe uma investigação baseada na experiência pessoal, na observação da natureza e na reflexão interior.

O discurso do Vigário constitui a expressão mais clara da religião natural rousseauiana. Nele, Rousseau procura demonstrar que o conhecimento de Deus não depende da revelação religiosa ou da tradição eclesiástica, todavia pode ser alcançado por meio da razão e da consciência.

- **A religião natural**

A religião natural em Rousseau se baseia em três elementos fundamentais: a observação da natureza, a experiência da consciência moral e a liberdade humana.

Em primeiro lugar, Rousseau considera que a ordem presente no universo constitui um indício da existência de um princípio inteligente que governa o mundo. A harmonia e a regularidade da natureza não podem ser explicadas adequadamente pelo acaso ou pelo mero movimento da matéria. Assim, a contemplação da natureza conduz o indivíduo à ideia de um ser supremo responsável pela organização do cosmos.

Entretanto, Rousseau não pretende oferecer uma prova metafísica rigorosa da existência de Deus. Em vez disso, ele enfatiza o caráter intuitivo e moral da crença religiosa. A existência de Deus se manifesta principalmente na experiência da consciência moral.

A consciência ocupa um lugar central na filosofia de Rousseau. Trata-se de uma espécie de instinto moral que permite aos seres humanos distinguir o bem do mal. Essa consciência não depende de ensinamentos religiosos ou de regras impostas pela sociedade; ela faz parte da própria natureza humana.

Segundo Rousseau, quando o indivíduo escuta a voz da consciência, ele percebe a existência de uma ordem moral no universo. Essa ordem moral sugere a presença de um legislador supremo, isto é, Deus. Dessa forma, a religião natural emerge da própria experiência moral do indivíduo.

Outro aspecto importante da religião natural é a liberdade humana. Rousseau sustenta que o ser humano possui a capacidade de escolher entre diferentes cursos de ação. Essa liberdade é essencial para a existência da moralidade, pois somente um ser livre pode ser considerado responsável por seus atos.

A liberdade humana reforça a ideia de que o universo não é apenas um sistema mecânico regido por leis físicas, todavia, também, um espaço no qual se realizam valores morais.

- **Crítica às religiões instituídas**

Embora defenda a importância da religião, Rousseau dirige severas críticas às instituições religiosas tradicionais. Na dissertação eu destaco que, para Rousseau, muitas igrejas acabaram se afastando da verdadeira religião ao transformar a fé em um conjunto de dogmas complexos e incompreensíveis.

Além disso, as instituições religiosas frequentemente promovem a intolerância e o conflito entre diferentes grupos religiosos. Em vez de aproximar os seres humanos, a religião institucionalizada acaba se tornando uma fonte de divisão social.

Rousseau acredita que a verdadeira religião deve ser simples e universal. Seus princípios fundamentais devem ser acessíveis a todos os seres humanos, independentemente de sua cultura ou tradição religiosa.

Nesse sentido, a religião natural proposta por Rousseau pretende recuperar a dimensão moral e espiritual da religião, libertando-a das disputas teológicas e das estruturas institucionais que frequentemente obscurecem sua essência.

- **Religião e política**

A dissertação também analisa a relação entre religião e política no pensamento de Rousseau. No *Contrato Social*, Rousseau argumenta que toda sociedade necessita de certos princípios morais compartilhados que garantam a coesão social e o respeito às leis.

Para cumprir essa função, Rousseau propõe a ideia de religião civil. Essa religião não corresponde a uma igreja específica, nem pretende substituir as religiões existentes. Trata-se, antes, de um conjunto mínimo de crenças que devem ser aceitas por todos os cidadãos.

Entre essas crenças estão a existência de Deus, a imortalidade da alma e a ideia de que os justos serão recompensados enquanto os maus serão punidos. Essas crenças têm a função de reforçar o compromisso moral dos indivíduos com a comunidade política.

Assim, a religião civil proposta por Rousseau se fundamenta na religião natural apresentada na *Profissão de fé do Vigário Saboiano*. Ambas compartilham a ideia de que a religião deve estar ligada à moralidade e à vida social, e não à autoridade de instituições religiosas.

- **Religião e educação**

Outro aspecto importante analisado na dissertação é o papel da religião no processo educativo. Em *Emílio*, Rousseau apresenta um modelo de educação que busca formar indivíduos livres e moralmente autônomos.

Nesse contexto, a religião desempenha um papel fundamental na formação moral do indivíduo. Entretanto, Rousseau rejeita a ideia de ensinar religião às crianças por meio da memorização de dogmas ou da imposição de crenças.

Em vez disso, ele defende que o jovem deve ser conduzido gradualmente a refletir sobre questões religiosas e a descobrir por si mesmo os fundamentos da religião natural. Esse processo permite que a fé se torne uma convicção autêntica, baseada na experiência pessoal e na reflexão moral.

- **Conclusão**

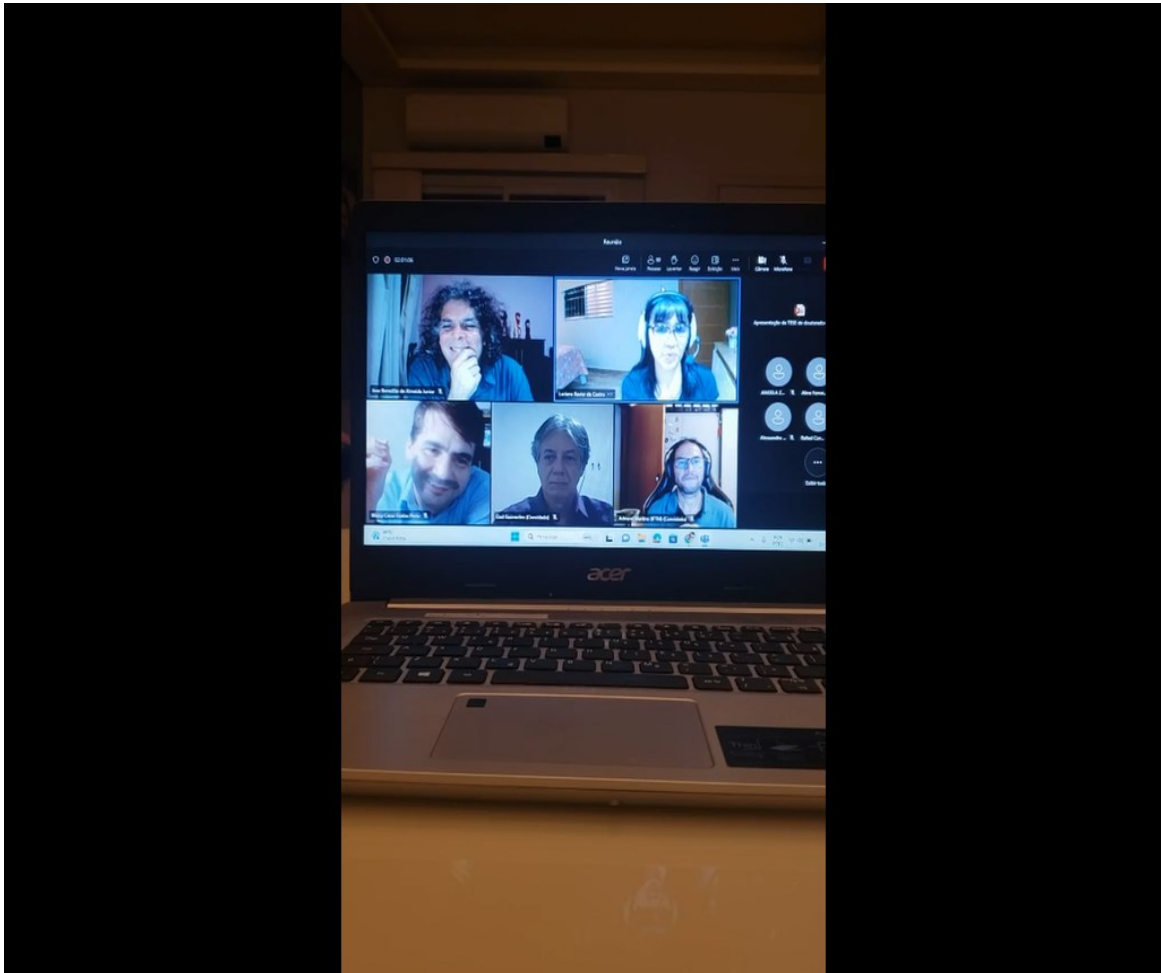
A dissertação conclui que a religião ocupa um papel central na filosofia de Rousseau, articulando-se de maneira profunda com suas reflexões sobre moral, educação e política. A análise da *Profissão de fé do Vigário Saboiano* revela que Rousseau desenvolve uma concepção de religião natural baseada na consciência moral, na observação da natureza e na liberdade humana.

Essa religião natural busca superar os conflitos gerados pelas instituições religiosas tradicionais e oferecer um fundamento moral universal para a vida humana. Ao mesmo tempo, ela serve de base para a proposta de religião civil apresentada no *Contrato Social*, que tem a função de fortalecer os vínculos sociais e garantir a estabilidade da comunidade política.

Assim, o estudo demonstra que a reflexão religiosa de Rousseau não pode ser compreendida isoladamente, porém deve ser vista como parte integrante de seu projeto filosófico mais amplo, que visa conciliar liberdade individual, moralidade e vida social.

## Doutorado- A Influência do cristianismo na Filosofia de Jean-Jacques Rousseau (2023)<sup>16</sup>

Dia da defesa da Tese:



### (Acervo da Autora)

Minha pesquisa de mestrado deixou algumas perguntas sem respostas e elas impulsionaram a construção do meu projeto de pesquisa para o doutoramento. Nesse sentido, minha pesquisa se tornou uma continuação analítica do meu mestrado, trazendo outras obras de Rousseau para o debate e para provar a tese de que a obra do filósofo iluminista Rousseau é de total influência cristã, mas de um cristianismo que lhe é muito particular. Tal afirmação em um contexto intelectual iluminista de distanciamento da

---

<sup>16</sup> CASTRO, Luciana Xavier de. **A Influência do Cristianismo na Filosofia de Jean-Jacques Rousseau**. 2023. 206 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. DOI: 10.14393/ufu.te.2023.585.

religião é no mínimo ousado. Mesmo assim, persegui meus objetivos e acredito ter conseguido alcançá-los.

Dessa forma, foram objetivos do meu trabalho, retomar o conceito já apresentado no mestrado sobre a concepção religiosa de Rousseau, para então demonstrar a influência dela em sua obra. Assim, foi preciso primeiramente entender o contexto social, político e religioso de Genebra, sua terra natal e o contexto em que se deu a condenação do nosso filósofo e de suas obras, além de decretada sua prisão.

Compreender o motivo de mesmo tendo sido considerado anticristão pelas lideranças católicas da França e pelos protestantes de Genebra, Rousseau se declarou cristão, todavia contrário a instituição: “Sou cristão, Senhor Arcebispo, e sinceramente cristão, segundo a doutrina do Evangelho. Sou cristão não como discípulo dos padres, mas como discípulos de Jesus Cristo” (ROUSSEAU, 2005, p. 72). Por isso, tive, também, como finalidade, investigar as particularidades do seu pensamento religioso, através das definições dos conceitos de teísmo e deísmo, de sua crítica às religiões históricas e nacionais, bem como os conceitos de religião natural e religião do homem.

A partir da elucidação da sua concepção religiosa e das distinções dela, o trabalho se dedicou a identificar a influência da religião Cristã em seu pensamento político, moral e na educação do personagem Emílio<sup>17</sup>. Dessa forma, apresento a seguir minha pesquisa de doutorado e minhas conclusões.

Tradicionalmente, Rousseau foi frequentemente interpretado como um pensador crítico da religião cristã ou como um filósofo associado a formas de deísmo ou religião natural desvinculadas da tradição cristã. Como dito, procurei revisar essa interpretação, defendendo que o cristianismo exerce uma influência significativa na construção de sua filosofia moral, política e pedagógica de Jean-Jacques.

Minha pesquisa parte da hipótese de que Rousseau não deve ser entendido simplesmente como um crítico do cristianismo, mas como um pensador que elabora uma concepção própria de religiosidade, denominada **teísmo cristão**. Essa concepção

---

<sup>17</sup> ROUSSEAU, J.J. - *Emílio ou da Educação*, tradução de Roberto Leal, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

combina elementos da religião natural com aspectos da revelação cristã, produzindo uma forma singular de compreensão da religião.

A tese examina textos centrais do filósofo genebrino, buscando demonstrar que a religião constitui um dos fundamentos de sua filosofia moral e política. Ao mesmo tempo, o trabalho procura explicar por que Rousseau foi alvo de perseguições religiosas e políticas, especialmente após a publicação de duas de suas principais obras em 1762<sup>18</sup>.

- **Cristianismo e religião natural no pensamento de Rousseau**

Um dos principais argumentos desenvolvidos na tese consiste em mostrar que a concepção religiosa de Rousseau articula dois elementos aparentemente distintos: a religião natural e o cristianismo.

A religião natural é entendida por Rousseau como uma forma de religiosidade baseada na razão e nos sentimentos naturais do ser humano. Nesse sentido, a crença em Deus não depende necessariamente da autoridade das instituições religiosas ou da aceitação de dogmas específicos. Em vez disso, ela se fundamenta na experiência interior da consciência moral e na observação da ordem presente na natureza.

Rousseau concebe os sentimentos naturais do homem, especialmente a consciência e a razão, como os princípios que orientam a experiência religiosa. A consciência moral funciona como uma espécie de guia interior que permite ao indivíduo reconhecer a existência de uma ordem moral no universo. Essa ordem moral remete à existência de um ser supremo responsável pela criação e pelo governo do mundo.

Entretanto, Rousseau não se limita a uma concepção puramente racional da religião. Embora valorize a religião natural, ele também reconhece a importância da revelação cristã. Rousseau acredita na autenticidade do Evangelho e considera a Bíblia uma revelação divina, ainda que não considere indispensável a mediação institucional das igrejas para que os indivíduos possam se relacionar com Deus.

Dessa forma, sua filosofia religiosa combina elementos da tradição cristã com uma visão mais ampla e universal da religião.

---

<sup>18</sup> Emílio ou Da Educação e o Contrato Social.

- **A concepção rousseauniana de cristianismo**

Minha tese argumenta que Rousseau pode ser considerado, em certo sentido, um pensador cristão. Essa afirmação, contudo, exige uma compreensão particular do cristianismo defendido pelo filósofo.

Rousseau distingue entre o cristianismo original, associado à mensagem moral do Evangelho, e as formas históricas do cristianismo institucionalizado. Para ele, a mensagem de Jesus possui um profundo valor moral e espiritual, pois enfatiza a simplicidade, a virtude, a compaixão e o amor ao próximo.

Contudo, ao longo da história, as instituições religiosas teriam distorcido essa mensagem original ao transformá-la em sistemas teológicos complexos e ao associá-la a estruturas de poder político.

Assim, Rousseau dirige severas críticas às instituições religiosas, especialmente quando estas procuram impor dogmas ou controlar a vida política das sociedades. Para ele, a verdadeira religião deve permanecer ligada à moralidade e à consciência individual, e não ao poder institucional das igrejas.

Dessa forma, argumentou então que essa crítica às instituições religiosas não implica uma rejeição do cristianismo, mas sim uma tentativa de recuperar aquilo que Rousseau considera o verdadeiro espírito da religião cristã.

- **Religião, moral e natureza humana**

Outro aspecto central analisado na tese é a relação entre religião e moral na filosofia de Rousseau.

Para Rousseau, a moralidade não deriva exclusivamente de convenções sociais ou de sistemas filosóficos abstratos. Ela está profundamente ligada à própria natureza humana. Os seres humanos possuem sentimentos naturais que orientam sua conduta moral, como a compaixão, o amor à justiça e o respeito pelos outros.

A consciência moral representa a expressão mais clara dessa dimensão moral da natureza humana. É por meio dela que os indivíduos são capazes de reconhecer o bem e o mal.

Para mim, a religião desempenha um papel fundamental na consolidação dessa moralidade rousseauiana. A crença em Deus e na ordem moral do universo fortalece o compromisso dos indivíduos com a virtude e com a justiça.

Nesse contexto, a religião não aparece em Rousseau apenas como um fenômeno cultural ou institucional, entretanto como um elemento essencial da vida moral humana.

- **Cristianismo e educação**

A tese também analisa o papel da religião no pensamento pedagógico de Rousseau, especialmente na obra *Emílio, ou Da Educação*.

Nesse contexto, Rousseau apresenta um modelo de educação que busca formar indivíduos livres e moralmente autônomos. A religião ocupa um lugar importante nesse processo, pois contribui para o desenvolvimento da consciência moral do indivíduo.

Não obstante, Rousseau rejeita a ideia de ensinar religião às crianças por meio da imposição de dogmas ou da simples memorização de doutrinas religiosas. Em vez disso, ele defende que o indivíduo deve descobrir gradualmente os fundamentos da religião por meio da reflexão e da experiência pessoal.

Esse processo permite que a fé se torne uma convicção autêntica, baseada na consciência e na razão, e não apenas na tradição ou na autoridade religiosa.

Nesse sentido, a educação religiosa proposta por Rousseau procura conciliar liberdade intelectual e formação moral.

- **Cristianismo e política**

Outro ponto importante da tese é a análise da relação entre religião e política na filosofia de Rousseau.

No *Contrato Social*, Rousseau argumenta que a religião pode desempenhar um papel importante na vida política, desde que não comprometa a liberdade dos cidadãos nem a soberania do Estado.

Para Rousseau, o Estado moderno deve manter sua autonomia em relação às instituições religiosas. A autoridade política não deve estar subordinada ao poder eclesiástico.

Ao mesmo tempo, Rousseau reconhece que certos princípios religiosos podem contribuir para fortalecer a vida moral da comunidade política. Por esse motivo, ele propõe a ideia de religião civil, isto é, um conjunto mínimo de crenças religiosas que favoreçam a coesão social e o respeito às leis.

Entre esses princípios estão a crença em Deus, a ideia de justiça divina e o compromisso moral dos cidadãos com a comunidade política.

Rousseau considera que o Estado deve aproveitar da religião, apenas aqueles princípios que incentivem os cidadãos a amar as leis e a praticar a sociabilidade.

Assim, a religião civil constitui uma forma de conciliar a dimensão moral da religião com os princípios de um Estado laico e baseado na soberania popular.

- **Tolerância religiosa e perseguições a Rousseau**

A tese também aborda as controvérsias que envolveram a obra de Rousseau em seu contexto histórico. Suas reflexões sobre religião provocaram fortes reações tanto de autoridades políticas quanto religiosas.

Após a publicação de *Emílio* e *O Contrato Social* em 1762, Rousseau foi acusado de heresia e suas obras foram condenadas em diferentes cidades europeias. Como consequência, ele foi obrigado a abandonar alguns lugares onde vivia.

Essas perseguições são resultado da posição singular de Rousseau em relação à religião. Por um lado, ele criticava duramente as instituições religiosas; por outro, afirmava a importância da religião para a moralidade e para a vida social.

Essa posição intermediária o colocou em conflito tanto com defensores do dogmatismo religioso quanto com pensadores mais radicalmente secularizados.

- **Conclusão**

A tese conclui que o cristianismo exerce uma influência significativa e complexa na filosofia de Rousseau. Embora o filósofo seja frequentemente apresentado como um crítico da religião cristã, a análise detalhada de suas obras revela que sua filosofia está profundamente marcada por elementos da tradição cristã.

Rousseau desenvolve uma concepção religiosa particular que combina a religião natural com aspectos da revelação cristã, formando aquilo que eu denomino **teísmo cristão**. Essa concepção permite compreender como a religião se articula com diferentes dimensões de sua filosofia, incluindo a moral, a educação e a política.

Além disso, a tese demonstra que a religião ocupa um lugar central na filosofia rousseauiana, funcionando como um dos fundamentos de sua teoria moral e de sua visão da vida social.

Assim, a obra de Rousseau deve ser interpretada não como uma rejeição da religião, mas como uma tentativa de reformular o cristianismo de modo compatível com os ideais de liberdade, consciência moral e soberania popular que caracterizam a modernidade filosófica.

- **Análise comparativa entre a Dissertação e a Tese**

A primeira diferença relevante entre as duas obras diz respeito ao escopo da investigação.

A dissertação de mestrado concentra-se principalmente na análise de um texto específico de Rousseau presente em *Emílio, ou Da Educação: a Profissão de Fé do Vigário Saboiano*. O objetivo central daquela pesquisa é compreender como esse texto expressa a concepção rousseauiana de religião natural e como essa concepção se relaciona com a moralidade e com a teoria política do filósofo.

Nesse sentido, a dissertação possui um caráter mais analítico e textual, privilegiando a interpretação detalhada de um trecho específico da obra de Rousseau. O foco principal está na explicação do conceito de religião natural e na análise da relação entre consciência, natureza e crença em Deus.

Já a minha tese de doutorado amplia significativamente o campo de investigação. Em vez de concentrar-me em um único texto, examino o conjunto do pensamento religioso de Rousseau, considerando diversas obras e discutindo a presença do cristianismo em sua filosofia.

Assim, enquanto a dissertação possui um enfoque mais restrito e específico, a tese apresenta uma abordagem mais ampla e sistemática.

Um outro aspecto que acho importante destacar é que há uma continuidade temática entre as duas pesquisas. Apesar da diferença de escopo, a temática das obras se relaciona entre si.

Dessa forma, a dissertação pode ser compreendida como uma espécie de base conceitual para a pesquisa desenvolvida posteriormente na tese. Ao analisar a *Profissão de Fé do Vigário Saboiano*, identifiquei elementos fundamentais da religião rousseauniana, como:

- a importância da consciência moral
- a valorização da religião natural
- a crítica às instituições religiosas
- a relação entre religião e moralidade.

Esses mesmos elementos reaparecem na tese de doutorado, porém, agora, inseridos em uma discussão mais ampla sobre a influência do cristianismo na filosofia de Rousseau. Dessa forma, posso afirmar que a tese representa um desdobramento e aprofundamento das questões levantadas no mestrado.

Outro aspecto importante da comparação diz respeito à interpretação do caráter religioso do pensamento de Rousseau. Na dissertação, ênfase, principalmente, o conceito de religião natural. O discurso do Vigário Saboiano é interpretado como uma defesa de uma religiosidade baseada na consciência e na observação da natureza, independentemente das instituições religiosas.

A análise destaca sobretudo:

- a autonomia da consciência moral
- a crítica às igrejas e aos dogmas
- a possibilidade de uma religião universal fundamentada na natureza humana.

Nesse sentido, a dissertação tende a aproximar Rousseau das correntes de religião natural ou deísmo moderado presentes no Iluminismo. Na tese de doutorado, entretanto, proponho uma interpretação mais complexa. Meu argumento demonstra que Rousseau não deve ser visto apenas como defensor da religião natural, entretanto como um pensador profundamente influenciado pelo cristianismo. Dessa forma, a tese

sustenta que Jean-Jacques desenvolve uma forma de teísmo cristão, na qual elementos da religião natural coexistem com aspectos da tradição cristã, especialmente a valorização da moral calvinista. Essa interpretação procura mostrar que Rousseau não rejeita o cristianismo, mas busca interpretá-lo de maneira compatível com os princípios da filosofia moderna.

Nesse contexto, há na tese uma ampliação do debate filosófico. Dessa forma, o que diferencia as duas pesquisas é o grau de inserção no debate filosófico mais amplo. Na dissertação, a análise concentra-se principalmente na interpretação do texto rousseauiano e na explicação de seus conceitos principais. Embora haja diálogo com comentadores, o foco principal permanece no exame da obra de Rousseau. Já na tese, amplio o diálogo com a historiografia filosófica e com diferentes interpretações do pensamento de Rousseau. O trabalho discute debates importantes sobre:

- a relação entre Iluminismo e religião
- o lugar do cristianismo na filosofia moderna
- as diferentes interpretações da religião rousseauiana.

Essa ampliação permite situar Rousseau dentro de um quadro mais amplo de reflexão sobre religião, modernidade e política.

Outro tema presente na tese é a relação entre religião, política e educação. Nas duas pesquisas aparece a preocupação em compreender a relação entre religião e outros aspectos da filosofia de Rousseau. Na dissertação, essa relação é explorada sobretudo a partir da conexão entre a religião natural e a ideia de religião civil apresentada em *Do Contrato Social*<sup>19</sup>. Enfim, como a religião pode contribuir para fortalecer a moralidade e a coesão social.

Na tese, essa análise é aprofundada e ampliada. Nela eu examino de maneira mais detalhada o papel do cristianismo na formação moral dos indivíduos e na organização da vida política. Além disso, a tese discute com maior profundidade a relação entre religião e educação no pensamento de Rousseau, mostrando como a

---

<sup>19</sup> ROUSSEAU, Jean – Jacques. *O contrato social e outros escritos*. Trad. Rolando Roque da Silva. Ed. Cultrix; São Paulo, 2005

formação religiosa do indivíduo está ligada ao desenvolvimento de sua autonomia moral.

### **Pós- Doutorado: Educação, Moral e Política na obra de Marie Huber**

Atualmente estou realizando estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia da UFU. Meu projeto de pesquisa tem por objetivo estudar a vida e a obra de Marie Huber. Uma filósofa que, como tantas outras, ficou esquecida ao longo da história da filosofia e quase não encontramos estudos acerca de sua obra. Entretanto, seu pensamento possui uma grande relevância para áreas importantes da filosofia, tais como educação e moral, dentre outras. Além de haver indícios da influência de suas ideias na obra de filósofos da modernidade.

Neste contexto, destaco, por exemplo, o conceito de consciência desenvolvido por ela, suas ideias epistemológicas, as contribuições da escritora para educação moral do indivíduo e compreensão da sociedade moderna.

Marie Huber, foi uma pensadora genebrina e autora, principalmente, de obras de teologia, entre elas, dou ênfase, *Lettres sur la religion essentielle à l'homme, distinguée de ce qui n'en est que l'accessoire* (1738). Entretanto, também, ela escreveu sobre educação, teoria do conhecimento, tratou sobre a questão da consciência e outras matérias. Ela nasceu em 1695 em Genebra e faleceu em 1753 em Lyon. Além do descrito, para alguns estudiosos da sua obra, seu pensamento influenciou muitos filósofos da idade moderna.

Marie Huber, na obra, *Lettres sur la religion essentielle à l'homme*<sup>20</sup>, afirmou que o conhecimento é produzido pela consciência. Isso quer dizer que a noção do que é certo ou errado, para ela, provém da consciência, antes mesmo dos conceitos serem desenvolvidos pela razão. Entretanto, o termo “consciência”, em Marie Huber, é denominado em sua obra como “sentimento”<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> HUBER, M. *Lettres sur la religion essentielle à l'homme, distinguée de ce qui n'en est que l'accessoire*. Chez . J. Wetstein et W. Smith, 1738.

<sup>21</sup> Um estudioso do seu pensamento, Pierre Masson (1916), por exemplo, afirma uma similaridade entre a obra de Jean-Jacques Rousseau e as ideias de Marie Huber (1978), especialmente, acerca das questões morais e epistemológicas. Ele

Para Marie Huber, a consciência advém do sentimento de boa-fé. A pensadora, em sua obra de 1739, assegurava haver no ser humano um desenvolvimento progressivo da sua capacidade cognitiva. Nesse contexto, para ela, o processo de abstração e construção de ideias complexas só era possível na “idade da razão”, fase posterior à infância, em que esse sentimento de discernir o certo e o errado, já estaria desenvolvido. Por conseguinte, a educação na infância precisaria partir daquilo que é concreto, do sensível, observando os caminhos do desenvolvimento infantil ditado pela natureza. Nessa condição, ela acreditava que a experiência é importante, porque, por meio dela, o indivíduo sente o seu existir. O que não significa que Huber tenha a mesma percepção que os empiristas a respeito da verdade do conhecimento, em outras palavras, que atestam o conhecimento, preferencialmente, pela experiência. Na verdade, Marie Huber concilia a experiência e o sentimento, aquele que, para ela, liga o homem a Deus

Acerca da educação moral do ser humano, Huber defendia que a religião tinha uma função pedagógica no que se refere à formação moral. No entanto, nesse cenário, não são todos os dogmas e ritos religiosos que são úteis para o ensinamento moral do cidadão; mas, o indivíduo deve ser instruído apenas naquilo que é essencial à sua religiosidade, como uma simplificação da devoção, da fé. Ela sugere que, para a prática da boa moral, a coletividade necessita manter e cultivar apenas pontos indispensáveis da religião, como, por exemplo, a crença em Deus, em sua providência, a existência da alma, de um “mundo espiritual” e alguns valores morais. Assim, para ela, a religião deve contribuir para formar humanos virtuosos e bons cidadãos. É importante destacar, que isso não significa que ela defenda a nacionalização da religião. Não obstante, para vias formativas, recomenda absorver da religião o que é bom e útil à sociedade, à manutenção dessa. Dessa forma, o essencial da religião em Huber, conforme ela acreditava, poderia se tornar o alicerce para a sociedade.

Marie Huber sustentava, como regra moral, além do princípio da boa-fé, que o homem possuía sentimentos naturalmente bons, que deveriam ser preservados enquanto

---

identifica, a respeito da temática religiosa, pontos doutrinários comuns entre os dois autores e entende que a religiosidade expressada por Jean-Jacques, enquanto possível leitor de Marie Huber, também pode ter sido impactada pelas ideias defendidas por ela, como, por exemplo, a “sinceridade do coração” na devoção a Deus e a não exigência de rituais e conhecimentos bíblicos para exercício da fé.

regra moral. À vista disso, seria, inclusive, missão da formação religiosa preservar e dar meios desses sentimentos florescerem nos indivíduos.

Os sentimentos sobre os quais Marie Huber salienta como naturais ao indivíduo e que o conduz em suas ações, são os que Rousseau, por exemplo, denomina em sua obra como consciência. O sentimento de boa-fé e o amor ao que é bom, são instrumentos para discernir o justo do injusto. Conforme nos lembra Yves Krumenacker (2002)<sup>22</sup>, assim, como, também, destaca Masson (1914), Marie Huber não utilizou o termo consciência, todavia se refere a essa faculdade humana como “sentimento”. De acordo com Krumenacker, o conceito do que conhecemos como “consciência”, na obra desta autora, se desenvolveu progressivamente. Inicialmente, sua visão de “consciência” parte da sua formação religiosa, a saber, o Catecismo de Ostervald<sup>23</sup>. Esse, segundo Krumenacker, engloba também a teologia calvinista. Nesse contexto, sabemos que o teólogo João Calvino não desconsidera totalmente a consciência moral, entretanto, acreditava em uma moralidade a partir do cumprimento de regras pré-estabelecidas pela religião, em outras palavras, não bastava seguir apenas à consciência. Nesse sentido, no calvinismo, a consciência deve ser regulada, especialmente, pela “palavra de Deus”, a saber, a Bíblia Sagrada. Em última instância, é da Escritura, que revela a salvação em Jesus Cristo, que procede a vida moral. Assim, a partir dessa perspectiva protestante, Huber inicia sua reflexão e elaboração conceitual sobre essa faculdade e seu papel na moralidade.

Nesse cenário, Krumenacker esclarece que Marie Huber, inicialmente, não foi muito além da perspectiva calvinista acerca do papel da consciência na moralidade. Entretanto, ainda assim, suas ideias, desde o princípio, se diferenciavam em alguns aspectos da religião oficial de Genebra.

---

<sup>22</sup> KRUMENACKER, Yves. *L'évolution du concept de conscience chez Marie Huber*. Dix-huitième siècle. Paris, PUF, n°34, 2002, pp. 225-237.

<sup>23</sup> Segundo Pierre-Olivier Léchet, Jean-Frédéric Ostervald (1663-1747) foi um pastor e teólogo reformado suíço, nascido em Neuchâtel em 1663. Sua obra, *Compendium Theologiae Christianae*, foi de grande importância à época, porque tornou a teologia acessível ao grande público. Ostervald defendia a tolerância religiosa e acreditava que a diversidade não era uma ameaça à igreja. Dentre suas obras destaca-se a tradução da Bíblia em 1744, que se tornou, posteriormente, uma das versões mais lidas entre os protestantes. (PIERRE, Olivier Léchet. *O claro-escuro do Iluminismo protestante em Neuchâtel. Jean-Frédéric Ostervald (1663-1747), teólogo e moralista*. Crettaz-Stürzel e C. Lafontant Valloton, *Sa Majesté en Suisse - Neuchâtel et ses princes prussiens*, Neuchâtel, Éditions Alphil, 2013, p. 278-285.).

Todavia, ao se aproximar das ideias pietistas<sup>24</sup> Marie Huber começou a ter uma nova concepção a respeito de alguns dogmas e códigos de conduta do protestantismo calvinista. Krumenacker alerta que isso não significa que ela passou a negar inteiramente o calvinismo. No entanto, modificou em muitos aspectos sua posição inicial. Inspirada no movimento teológico pietista, começou a defender a interpretação de que o Evangelho não diz o que fazer e o que é proibido, como acreditava anteriormente, isso quer dizer que, no Evangelho, não há uma lista de regras morais sobre o que é proibido e o que é permitido. Nesse contexto, através de um ideal naturalista, passa a argumentar que Deus concedeu ao homem algo interior que faz com ele seja capaz de examinar a si mesmo, de discernir o certo do errado e ditar o seu próprio caminho para a felicidade. Esse sentimento interior seria a consciência.

Assim, em Marie Huber, a verdade está sempre no sentimento interior e não na razão, que pode, por vezes, errar. Por isso, ela se opõe à ideia de “educar” a consciência, porque seria privilegiar o raciocínio, em detrimento da consciência. Vale dizer que ela desconfia da razão, por causa de suas constantes variações. Nessa conjuntura, o conceito de consciência em Huber evolui para seguinte definição:

[...] um testemunho interior, idêntico em todos os homens, que têm dentro de si os princípios da lei espiritual e natural gravados no fundo de seus corações. Revela os princípios secretos, os verdadeiros motivos de cada um, decide o que é inocente ou pode suscitar remorsos, dirige reprovações. Existem verdades eternas e imutáveis como bondade, justiça, infinito, e outros, que aspiram a tornar-se ideias distintas. Eles são conhecidos tanto pela consciência, que está do lado do sentimento e da experiência, quanto pela revelação nas Escrituras. Marie Huber fala de fato da consciência, do bom senso, da voz da natureza, sem saber ao certo se há diferença entre essas noções. O fato é que, para ela, o sentimento de consciência permanece confuso e é por isso que a Escritura deve confirmar essas verdades; inversamente, a consciência permite determinar o verdadeiro significado das expressões contidas na Escritura. Esses dois tipos de testemunho da verdade, portanto, se apoiam mutuamente. (KRUMENACKER, 2002, p.231, tradução nossa).

Nesse contexto, a educação é o caminho para a formação moral da sociedade. Assim, os recursos para a promoção da educação nas ideias de Marie Huber, ou seja, a metodologia, são as mesmas praticadas pela educação formal calvinista, mesmo que, no aspecto dogmático religioso, ela tenha se afastado, em parte, do calvinismo e se

---

<sup>24</sup> O Pietismo foi um movimento de renovação da fé cristã que surgiu na Igreja luterana alemã em fins do século XVII, defendendo a primazia do sentimento na experiência religiosa, em detrimento da teologia racionalista.

aproximado do pietismo. Nesse sentido, a pensadora sugere que se priorize, no processo educativo, lições práticas, que partam do empírico, para depois se abstrair o conceito, sempre observando o desenvolvimento do/a aluno/a, com ensinamentos adequados a cada etapa do desenvolvimento humano.

Marie Huber, no âmbito pedagógico, defende uma metodologia que sugere retardar o ensino de dogmas e lições de moral antes da idade da razão. Ela optou em propor uma educação de viés expositivo e doutrinário, como acontecia, majoritariamente, nos colégios confessionais da era moderna. Ainda que, na prática pedagógica, tenha ressaltado a importância do estudante, especialmente na infância, aprender por meio de lições concretas e, posteriormente, haja a abstração conceitual, não traz ressalvas sobre propostas lúdicas e inovadoras.

Ademais, para alguns estudiosos, como dito, as ideias de Huber influenciaram o pensamento de alguns filósofos modernos. Pierre Masson (1916), por exemplo, acreditava que o filósofo Jean-Jacques Rousseau foi influenciado por conceitos desenvolvidos pela pensadora genebrina. A respeito disso, a título de exemplo, o comentador declarou que foi sob a influência de Huber que Jean-Jacques atribuiu à consciência uma primazia sobre a razão. Para ele, Rousseau adotou uma posição acerca da razão que estava na contramão do racionalismo moderno e, também, contrária ao empirismo. Nesse sentido, para Masson, em Rousseau, a consciência é compreendida como, “[...] uma espécie de faculdade a parte da alma, como um sentido interior, seguro e infalível” (MASSON, 1916, p. 237, tradução nossa); assim, como, também, Marie Huber defende em sua obra de 1739.

- **Rousseau, Marie Huber e o Ensino de Filosofia**

Tanto em Rousseau, quanto em Marie Huber, encontrei elementos que fundamentam minha prática pedagógica, como, por exemplo, a perspectiva de ambos de que a educação deve desenvolver reflexões que partam do concreto para depois elevar à abstração. Cito, como exemplo, para a minha prática pedagógica, sempre construir diálogos que envolvam a realidade concreta do/a estudante, seu escopo cultural e social, para somente depois conduzi-lo a compreensão e elaboração dos conceitos filosóficos trabalhados em sala.

Um outro aspecto é compreender o/a estudante como um ser que faz parte da natureza, e que o ensino precisa respeitar o desenvolvimento natural da criança, como dizia Rousseau em *Emílio ou da Educação*. Nesse sentido, compreender que cada criança possui um tempo de desenvolvimento e que os aspectos da vida concreta são carregados de significados para ele/a. Assim, uma aula de filosofia para/com crianças e adolescentes deve respeitar essas “etapas” do desenvolvimento. Essa questão não deve ser compreendida como o conceito de etapa do desenvolvimento piagetiano da infância, mas como um desenvolvimento natural, próprio da natureza humana. Em Piaget<sup>25</sup> compreende que a criança constrói ativamente o conhecimento ao interagir com o ambiente, passando por quatro estágios ou etapas principais de desenvolvimento. Cada etapa possui características próprias de pensamento, linguagem e compreensão do mundo, a criança constrói ativamente o conhecimento ao interagir com o ambiente, passando por quatro estágios ou etapas principais de desenvolvimento. Cada etapa possui características próprias de pensamento, linguagem e compreensão do mundo.

Entretanto o ser humano é diverso e se desenvolve de forma variadas e tempos distintos, a depender a quais estímulos ele está em contato. Em Rousseau, por exemplo, a idade da razão, em termos contemporâneos, a maturidade cognitiva de uma criança que se desenvolve no campo é diferente daquela que cresce em grandes cidades com estímulos totalmente contrastantes. Nas cidades, as crianças estão em contato com uma sociedade corrompida pela cobiça e, especialmente, pela competitividade e constante comparação, um indivíduo tem seu valor medido pelo que ele ostenta e não pelo que ele é. Todavia no campo, longe da corrupção das grandes cidades, a criança tem a possibilidade de se desenvolver livre e obedecendo seus estímulos naturais, aspectos também tratados e defendidos por Marie Huber. Talvez por isso Rousseau preferiu conduzir Emílio<sup>26</sup> no campo, para que ele se desenvolvesse com liberdade e a partir de experiências; ou seja, do concreto à passagem gradual para a reflexão filosófica.

Assim se consolida minha prática pedagógica, do primeiro ao terceiro ano chamamos de “Iniciação Filosófica”, a partir do quarto ano, Filosofia. Isso porque nos

---

<sup>25</sup> PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.  
PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.  
PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.  
PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

<sup>26</sup> Emílio é o personagem fictício do romance *Emílio ou da Educação*, que é educado nos princípios da educação natural e negativa proposto por seu preceptor, nesse caso, o próprio Rousseau.

primeiros anos do Ensino Fundamental o objetivo é promover ao/a estudante espaço para reflexões filosófica, sem contato direto com a História da Filosofia, A partir do quarto ano o objetivo é mergulhar nos grandes temas e História da Filosofia, ou seja, filosofar a partir de conteúdo reconhecidamente filosófico.

Rousseau propõe, diferentemente de Huber, uma educação que parta do concreto, conforme dito, mas também que seja lúdica e interessante para a criança. Assim ele propõe jogos lúdicos, aulas que despertem e prendam a atenção da criança. Era totalmente contrário às lições maçantes e repetitivas do ensino formal da época, que muitas vezes ainda encontramos atualmente. Dessa forma, especialmente no Fundamental um, optei por aulas que contenham jogos, brincadeiras, enfim, práticas lúdicas que despertem o interesse das crianças a mergulharem no universo do filosofar.

Por fim, conforme explicitado, minhas pesquisas acadêmicas canônicas, além de contribuírem para o campo da Filosofia ortodoxa, também contribuíram de maneira significativa para refletir sobre minha prática pedagógica e para a elaboração de metodologias de ensino.

### **A Pesquisa no Universo do Filosofar e Ensinar a Filosofar**

Concomitante às minhas pesquisas sobre a Filosofia Moderna, em especial, a obra de Jean-Jacques Rousseau e, agora, de Marie Huber, a pesquisa sobre Ensino de Filosofia sempre esteve presente em minha trajetória, desde os tempos da graduação. Nessa linha de pesquisa, alinharam-se pesquisa bibliográfica e à pesquisa de campo. Exemplo disso foi o projeto de pesquisa realizado entre 2006 e 2008 na graduação, em que pesquisei sobre Ensino de Filosofia para/com crianças. Além de fazermos um levantamento e análise das poucas referências que havia à época, fizemos pesquisa de campo na ESEBA/UFU, através do estágio; digo fizemos, pois éramos um grupo de três estudantes e o nosso orientador. Descobrir que era possível ensinar Filosofia e filosofar com crianças, foi uma descoberta incrível para nós, que anos mais tarde resultou na minha docência neste Colégio de Aplicação, uma jornada de estagiária à docente.

Nessa época participamos de vários congressos, encontros, sempre com apresentação de trabalhos e produções de resumos, resumos expandidos e até artigos completos publicados em anais de eventos; produzimos, também, minicursos, sempre focados no tema Filosofia para/com crianças. Essas pesquisas iniciais foram também de grande valia para minha prática pedagógica.

Já como professora, inicialmente no programa de Filosofia para Crianças, criado pela prefeitura de Uberlândia, em 2008, atuei como professora (na Escola Municipal Josiane França) e pesquisadora sobre o tema, no CEMEPE<sup>27</sup>. Nosso grupo pesquisava sobre Ensino de Filosofia para/com crianças, no âmbito teórico e prático. Foi um momento de grande aprendizagem para mim.

Como docente do Cap UFU, minhas pesquisas no campo do Ensino de Filosofia continuaram; afinal, como dito anteriormente, ao chegar à ESEBA, a Área de Filosofia vivenciava um período de precarização e desestruturação. Foi preciso criar um grupo de pesquisa para compreender o que significava propriamente Filosofar e Ensinar a Filosofar para aquele público-alvo, metodologias disponíveis, relevância e aplicabilidades; além de criar um programa curricular e conteúdo programático para cada ciclo/ano de ensino. Dessas vivências, surgiram artigos e capítulos de livro, a saber:

**Capítulo de livro publicado:**

- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.; SILVA, M. S. S.** O Ensino de Filosofia para/com crianças: uma experiência no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia. In: André Luis Bertelli Duarte & Clarice Carolina Ortiz de Camargo. (Org.). Educação Básica: ensino-pesquisa-políticas públicas. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2019, v. 1, p. 13-186.
- **CASTRO, LUCIANA XAVIER.** O Diário de Ideias no Ensino de Filosofia para/com crianças e adolescentes. In: Luciana Soares Muniz; Vaneide Corrêa Dornellas; Lucianna Ribeiro de Lima. (Org.). DIÁRIO DE IDEIAS: experiências de implementação e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica. 1ed.Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 11-384.
- **CASTRO, LUCIANA XAVIER DE.** O que é preciso para ser um bom professor de Filosofia no ensino fundamental? In: Elisete Medianeira Tomazetti; José Benedito de Almeida Júnior; Patrícia Del Nero Velasco. (Org.). Formação e Experiências de DOCÊNCIA em FILOSOFIA. 1ºed.Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2022, v. 1, p. 1-168.

---

<sup>27</sup> Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – CEMEPE. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/educacao/cemepe/>. Acesso em 14/03/2026.

### **Artigos publicados em periódicos:**

- **CASTRO, LUCIANA XAVIER.** A Construção do currículo da disciplina Filosofia na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - Eseba/UFU. REVISTA OLHARES E TRILHAS, v. 22, p. 251-259, 2020.
- **CASTRO, L. X. Caroline Mendes de Carvalho; SOUSA, R. A.** Desafios e controvérsias da prática do ensino de Filosofia na Educação Básica. Olhares & Trilhas (UFU. Impresso), v. 11, p. 113-123, 2010.

### **Participação em Grupo de Pesquisa**

Sou membro do grupo de pesquisa *As Máscaras do Sagrado*. O Grupo de Pesquisa *As Máscaras do Sagrado* é um coletivo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (PPGFIL/UFU) e cadastrado no CNPq. Coordenado pelo Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior, o grupo dedica-se a investigar interseções entre o pensamento filosófico, experiências religiosas, sagrado e cultura, frequentemente organizando jornadas de estudos sobre temas como epifanias, o visível e o velado.

Todos os anos o grupo realiza jornadas de estudos, nas quais são apresentados os resultados das pesquisas das e dos participantes, desenvolvidas ao longo de um ano. No decorrer das apresentações, várias sugestões são propostas e há uma intensa troca de ideias sobre cada pesquisa. Posteriormente, autores e autoras dedicam-se a aprofundar as pesquisas e finalizá-las em forma de capítulo de livro, artigos ou ensaios.

Desta forma, coloca-se em prática a ideia de que trabalhos acadêmicos devem ser resultado de um intenso diálogo com pares, não somente especialistas, mas também com uma-ou mais comunidade de pesquisa, ou seja, uma experiência de liberdade! O que pauta as ações do grupo são a postura de leveza, sem arrogâncias ou vaidades inúteis. Os diálogos são divertidos e empáticos, combinando rigor acadêmico com humanidade. No encontro de 2021, organizamos um livro com o intuito de reunir esses diálogos e divulgar nossas pesquisas.

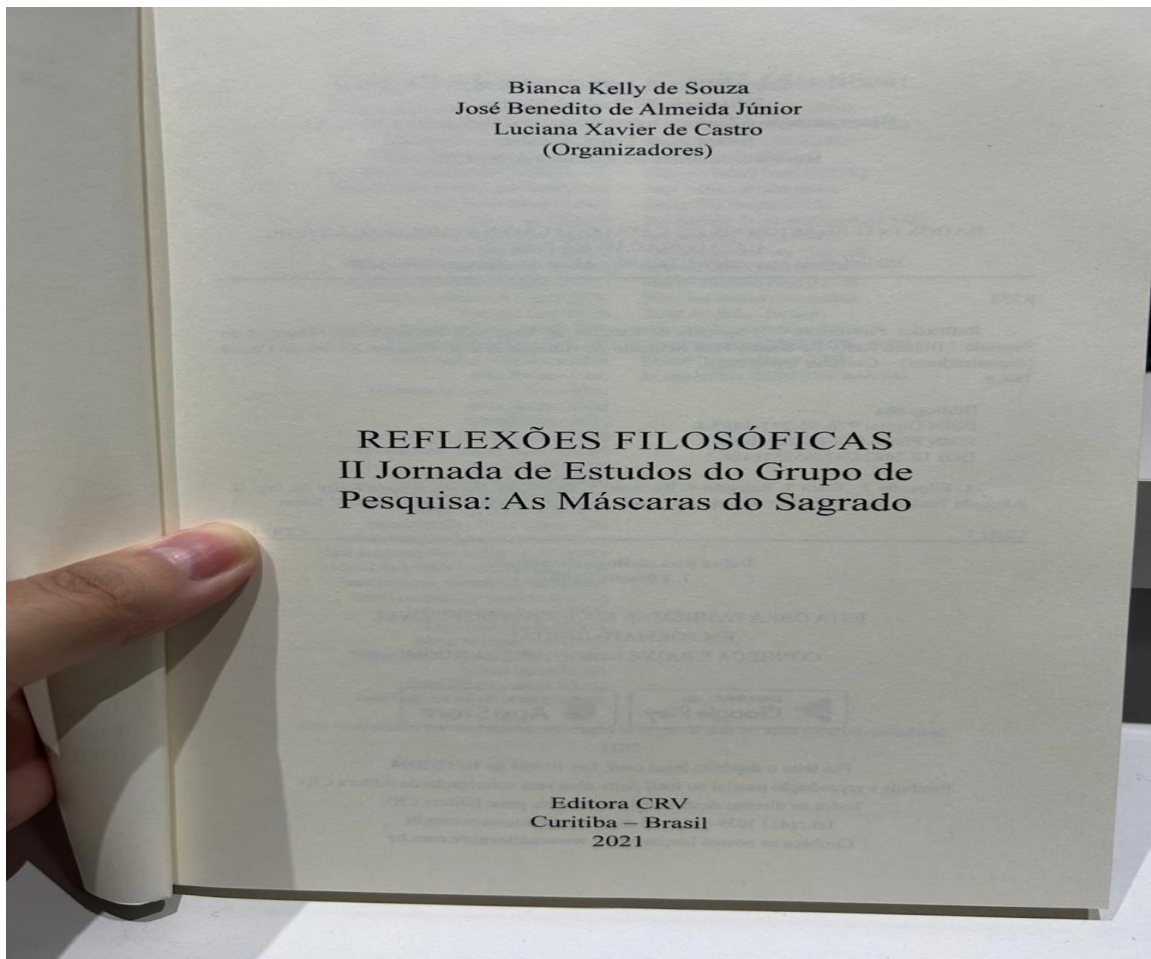
II JORNADA DE ESTUDOS DO GRUPO DE PESQUISA  
AS MÁSCARAS DO SAGRADO

# Reflexões Filosóficas

Bianca Kelly de Souza  
José Benedito de Almeida Júnior  
Luciana Xavier de Castro  
(organizadores)



(Acervo da autora)



(Acervo da autora)

### CAPÍTULO 3

#### **FILOSOFAR E ENSINAR A FILOSOFAR: DESAFIOS E CONQUISTAS**

##### **O ensino de Filosofia para/com crianças e adolescentes, conceito e histórico**

Apresentarei nas linhas a seguir o conceito e a aplicação do Ensino de Filosofia para/com crianças e adolescentes, para que seja possível compreender minhas escolhas teóricas e práticas em minha docência.

Atribui-se ao filósofo norte americano Matthew Lipman a “inauguração” da *Filosofia para crianças* por volta do ano de 1974, com a criação do *Institute for the Advancement of Philosophy for Children*<sup>28</sup>; mas há registros anteriores. O fato é que ele tentou fundamentar um currículo, material didático e metodologias acessíveis às crianças

---

<sup>28</sup>Institute for the Advancement of Philosophy for Children. Disponível em: <https://www.montclair.edu/iapc/iapc-timeline/>. Acesso em: 30/09/2021

por meio daquilo que chamou *Comunidade de investigação*. A partir da proposta desse filósofo, o ensino de Filosofia na infância ganhou espaço em instituições de diversas partes do mundo.

Atualmente tem crescido o número de escolas brasileiras e em outros países, que incluem a disciplina filosofia em seu currículo, desde os primeiros anos da educação básica. Isso tem gerado debates em torno do como se ensinar filosofia para crianças e adolescentes, tendo em vista o caráter acadêmico das questões filosóficas. Para superar esse dilema, muitas metodologias surgiram até aqui. Entretanto, a que mais possui adeptos é aquela idealizada por Lipman.

Segundo o pesquisador Walter Kohan (2008), um dos principais objetivos de Matthew Lipman, ao desenvolver a *Filosofia para crianças*, era o de promover uma reforma na educação, proporcionado ao/a aluno/a meios para pensar filosoficamente e fazer julgamentos por intermédio de um diálogo coordenado aos moldes socráticos.

Kohan explica que esse filósofo, enquanto pioneiro do ensino de filosofia nos anos iniciais da educação básica, se destaca por vários motivos, especialmente pelo fato de ter desenvolvido um método inovador e ter criado conteúdo próprio para os diálogos filosóficos em sala de aula. O artifício em questão é caracterizado por possuir um caráter normativo, ou seja, pretende dizer as regras de como se faz *Filosofia para crianças*.

Nesse contexto, a *Comunidade de investigação* consiste em um conjunto de novelas com temáticas filosóficas, todavia, adaptável à faixa etária dos/das estudantes do ensino fundamental. Em geral, as crianças se sentam em círculos, é feita a leitura das novelas, em seguida, os/as alunos/as elaboram perguntas sobre a leitura feita; em outras palavras, a problematização. Essa conduz a um diálogo coordenado pelo/a professor/a. A prática consiste na chamada investigação filosófica. Os diálogos são democráticos e o docente assume o papel de facilitador do processo. Para Lipman, esse método, além de conduzir o/a estudante a um melhor desenvolvimento cognitivo, contribui para o despertar de hábitos democráticos em que se privilegia o respeito mútuo. A metodologia do filósofo norte americano possui regras de aplicação, e o/a professor/a que desejar trabalhar *Filosofia para crianças* não necessita ser licenciado em Filosofia, visto que, o programa, além desenvolver o material didático para o/a aluno/a, também elaborou o intitulado *Manual do professor*; que possui todas as orientações para a aplicação dele.

Caso seja necessário, são realizados cursos em que o educador terá lições básicas da História da Filosofia e da metodologia de aplicação do artifício proposto.

É importante ressaltar que, nessa perspectiva, o/a discente da *Comunidade* não terá contato com a tradição filosófica, porém refletirá, de forma indireta, sobre temas tradicionais da História da Filosofia, como Ética e Política, por exemplo. Por mais que Kohan reconheça a importância da *Comunidade de investigação*, ele também possui reservas quanto a essa. Para ele, um método fechado e, ainda, elaborado por um filósofo sem vivências práticas com o público em questão, traria prejuízos para a autonomia do/a professor/a; em razão de haver risco de se condicionar, limitar e desvirtuar o trabalho do/a educador/a.

A *Comunidade* é o ponto de chegada e o ponto de partida do diálogo filosófico. Aqueles que fazem parte dela são chamados de coinvestigadores. Segundo Lipman, fora do contexto social não há indivíduo. Por esse motivo, a *Comunidade de investigação* constitui-se em um ideal cognitivo, social e político. O ideal cognitivo se encontra na lógica, já o social, na democracia. Dessa forma, o intuito do método consiste em aproximar o ideal do real. Nesse âmbito, busca-se de maneira mais democrática possível formar, ao final do processo, um juízo, que passa por três momentos: o raciocínio, a deliberação razoável e por fim dar-se o juízo. Walter Kohan explica que o filósofo em questão atribui à lógica, ou analítica do raciocínio, como fundamento para o processo de investigação. Isso porque, quando a lógica administra o diálogo, cada movimento clarifica e fortalece a investigação. Assim se conclui que a aprendizagem do instrumento da lógica é uma condição necessária à prática filosófica.

Diante do exposto, a filosofia para Lipman é a base de uma educação para o pensar, pois somente ela pode fazer de cada estudante um investigador de espírito crítico e razoável. Ela irá desenvolver o que o filósofo norte americano classifica como *pensar de ordem superior*, que é diferente do pensar cotidiano. O primeiro compreende três aspectos, a criticidade, a criatividade e o cuidado. A criticidade se refere à capacidade de problematizar. A criatividade consiste na inovação. Por fim, o cuidado é propriamente aplicar valores ao próprio pensar. As crianças que desenvolvem o pensamento de ordem superior serão razoáveis, tolerantes, respeitadas, em suma, democráticas. O que revela uma normatividade sociopolítica que significa educar para pensar de maneira complexa, em outros termos, um pensamento de *ordem superior* que promove uma cidadania

democrática. A filosofia, na *Comunidade de Investigação*, é então a esperança para a construção de uma sociedade democrática. Daí se conclui que se uma comunidade almeja um ideal democrático, ela necessariamente deseja o Ensino de Filosofia desde a educação básica inicial, pois ela é a condição de possibilidade para a verdadeira democracia.

Por isso, a única esperança certa, segundo Lipman, está nas crianças. Porque se conseguirmos que elas pratiquem a filosofia em comunidades de investigação deliberativas, então haverá muito mais chances de que elas sejam pessoas razoáveis e democráticas e que, a partir dessa prática filosófica e democrática, elas lutem para que as instituições e práticas sociais sejam mais igualitárias e menos autoritárias. (KOHAN, 2008, p. 47)

Todavia, por mais que existam pontos positivos no método desenvolvido por Matthew Lipman, Kohan identifica nesse uma série de limitações que se abrem para questionamentos. Primeiramente, não há nos manuais uma apresentação clara da História da Filosofia e de conceitos filosóficos, por mais que a investigação proposta seja de cunho filosófico. Os conceitos são trabalhados de forma indireta, mesmo que haja em alguns momentos das *novelas filosóficas* fragmentos de textos escritos por filósofos da tradição, eles não estão explícitos no texto, ou os conceitos filosóficos aparecem mediados pela leitura de historiadores da filosofia. Em geral, esses juízos aparecem em uma ótica pragmática. “É possível afirmar que, mesmo estando presentes fragmentos de obras de alguns autores em novelas e manuais, há pouco do espírito deles.” (KOHAN, 2008, p. 72). Outra questão crítica levantada pelo estudioso em questão, consiste no fato de haver no texto uma pretensão de universalidade, no sentido de não observar o contexto cultural e social da criança. Dado que, normalmente, as novelas são apresentadas e escritas dentro de uma realidade típica da classe média norte-americana, algo problemático em uma proposta educacional. Isso implica na dificuldade de traduzir o programa para outros contextos. Por isso surge a pergunta: como universalizar um programa com características tão particulares como esse?

Outro aspecto crítico destacado na *Comunidade de investigação* é o fato dos/das professores/as serem, de certa forma, excluídos do filosofar. Pois, o/a educador/a, dentro do programa, ocupa uma posição de apenas mediador do diálogo filosófico, ele/a não pode propor e nem dar sua opinião nos processos investigativos. Lipman diz o “como fazer”, o que retira do/a docente algo que lhe é natural, a capacidade que ele/a possui em pensar e planejar suas aulas. Além disso, todo/a professor/a tem conhecimentos e

vivências prévias que podem e devem ser compartilhados com o/a estudante, algo que não ocorre na *Comunidade de investigação*, pois ela não permite acréscimos de temas e metodologias.

A *Filosofia para crianças* desenvolvida por Matthew Lipman foi difundida e aplicada com sucesso em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Entretanto, as várias críticas que se desdobraram do programa, levaram estudiosos e professores da área a pensarem em novas práticas para aplicação da filosofia nos anos iniciais do ensino fundamental. Algo que enfrenta muitos desafios, tanto no que tange a fundamentação teórica, quanto o desenvolvimento de metodologias.

Quanto aos desafios teóricos, Kohan evidencia que é preciso mostrar a importância da filosofia para a educação, e da educação para a filosofia. Além disso, é necessário também resgatar o caráter prático da filosofia, algo tão pouco enfatizado pela academia. Porém, explica o estudioso, por mais que Lipman apresente uma tentativa de evidenciar a práxis filosófica, ele também entende que a tradição filosófica restringe e limita o caráter prático dela. Daí se conclui que é preciso pensar em um filosofar a partir de bases teóricas que sejam propícias à projeção prática.

Outro ponto levantado por Kohan acerca da filosofia na infância, consiste no fato de que é preciso compreender que as crianças são seres racionais, autônomos e hábeis para se envolverem em diálogos filosóficos. O professor de filosofia delas não deve concebê-las como adultos em miniaturas. É preciso conhecê-las a partir daquilo que elas dizem que são, aquilo que elas sabem sobre si mesmas. Já os desafios metodológicos são muitos, mas antes de se criar uma metodologia, é importante pensar no processo de como ensinar a filosofar e como aprender a filosofar, e o que significa propriamente “ensinar filosofia”. Assim, em princípio, entende-se que esse filosofar consiste no desenvolvimento do pensamento filosófico, na problematização. O “ensinar filosofia”, além de englobar a problematização, também significa apresentar a história e os temas da filosofia; que podem, ou não, serem aplicados por métodos previamente determinados.

No Brasil, no que se refere a questão do método de ensino de filosofia nos primeiros anos da educação básica, muitos adotam a *Comunidade de investigação* com o

apoio de instituições, como, o CBFC (*Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças*<sup>29</sup>). Entretanto, em muitas escolas que possuem a disciplina em questão em seu currículo, há aqueles que preferem não utilizar métodos, e sim, procurar no cotidiano a melhor forma de filosofar com as crianças. Por conseguinte, temos então duas vertentes, a *Filosofia para crianças*, que consiste em métodos fechados, e a *Filosofia com crianças*, que opta por desenvolver juntamente com o discente a melhor forma de filosofar e ensinar a filosofar. Todos são sujeitos legítimos do filosofar, tanto os/as professores/as quanto as crianças; dessa maneira, ambos devem participar da elaboração ou eleição do seu material didático e metodologias.

Nesse contexto, Sérgio Sard (2002) também tem contribuições acerca do debate histórico e metodológico do ensino de filosofia na infância. Para ele, as vivências do estudante devem ser o ponto de partida para elaboração dos diálogos filosóficos em sala, dentro do processo de problematização. Nas palavras dele:

Há momentos inesquecíveis em nossas infâncias. Dentre esses, há aqueles em que um relativo deslumbramento, um estranhamento, uma atitude diferenciada frente aos acontecimentos, geraram questões de outra ordem, por um modo de ver, de pensar, de sentir que rompia com o costumeiro. Talvez assim, ao rememorarmos tais experiências significativas com as quais construímos os nexos fundamentais que constituíram as nossas indagações fundamentais, as nossas visões-de-mundo, bem como os nossos estilos de pensar e de nos expressar, possamos observar a riqueza do universo interior de uma criança e, desde esse percurso interior, dizer algo sobre o filosofar das crianças. Esse é o ponto de partida que gostaria de propor a você. Assim, à base de nossas próprias experiências, à base de uma determinada postura assumida desde a interioridade, desde uma certa distensão do nosso próprio ser, expressa na recuperação de nossas memórias, talvez possamos concordar em que as relações entre a infância e o filosofar são muito mais espontâneas e comuns do que usualmente estamos dispostos a admitir. (SARD, 2002, p. 60).

Assim, da vivência do/a estudante, nasce a problematização, que pode conduzir ao final do diálogo a elaboração de conceitos. Essa forma de se fazer filosofia com crianças promove, em um processo cognitivo, a desconstrução de preconceitos e a formulação de novas ideias, de maneira autônoma e por meio do próprio desenvolvimento

---

<sup>29</sup> *Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças – CBFC. Disponível em:* <https://www.philosletera.org.br/index.php/ct-menu-item-142/ct-menu-item-145>. Acesso em: 30/09/2021.

do pensamento. Sendo possível, a partir de então, promover o diálogo com a História da Filosofia.

### **O ensino de Filosofia no Colégio de Aplicação / Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.**

Enquanto professora de Filosofia no Ensino Fundamental do Cap ESEBA/UFU, em todo este tempo, tenho acumulado pesquisas, experimentações, desafios, frustrações e conquistas, em um campo relativamente novo e pouco comum em nosso país, conforme discorrido. A Filosofia faz parte do currículo oficial do Ensino Médio, porém no fundamental ela é facultativa e adotada por poucas instituições de ensino. Apesar da “*Comunidade de Investigação*” de Lipman ter encontrado entusiastas em todo o mundo; e, também, já terem disponíveis no Brasil, artigos, livros, material didático impresso e alguns cursos de pós-graduação *lato sensu* que tratam da *Filosofia para/com crianças*, tudo é pouco divulgado e quase não se pratica nas escolas brasileiras, seja na rede pública ou privada.

A *Filosofia para/com crianças e adolescentes* é pouco trabalhada inclusive na formação inicial. Geralmente se prepara o licenciando para lecionar no Ensino Médio e se explora muito pouco o ensino de Filosofia nos primeiros anos da Educação Básica. Sou privilegiada pois tive a oportunidade de estagiar na ESEBA/UFU, porém, foram minhas vivências e pesquisas que aprimoraram minha prática. Essa é uma grande aliada, pois nos ajuda a compreender este universo do “Filosofar e ensinar a Filosofar”. Daí a importância de durante a formação, o discente ter a oportunidade de, além de cursar as disciplinas teóricas da licenciatura, fazer um estágio que oportunize a prática. É evidente que ser professor/a é estar em constante processo de aprendizagem e de experimentações, porém este contato inicial com o universo escolar pode fazer toda a diferença no futuro exercício da profissão.

Como sabemos, os CAPs têm por objetivo desenvolver e aplicar práticas pedagógicas inovadoras, realizar pesquisas, projetos de extensão, ser campo prioritário de estágio para alunos das diversas licenciaturas da universidade a qual esteja inserido e atuar na formação inicial e continuada de professores, dentre outras frentes. No Brasil temos dezessete CAPs. Nesse contexto, os meus desafios enquanto professora de Filosofia nesta instituição são diversos e acredito não serem muito diferentes daqueles

enfrentados por outros professores de Filosofia no Ensino Fundamental. Em minha prática me deparei com questões referente à dinâmica da sala de aula, tais como, despertar no/a aluno/a o interesse pelo conteúdo, a motivação para a realização das atividades propostas, a participação atenta nos diálogos estabelecidos a respeito do conteúdo, adaptação de termos e conceitos acadêmicos próprios da ortodoxia filosófica para uma linguagem que propicie a criança a apropriação do conteúdo, seja nos textos, na exposição e muitas outras questões. Aqui, a Filosofia se inicia no primeiro ano, em que a maioria dos alunos estão no processo inicial da alfabetização, sendo assim, como ensinar Filosofia para crianças tão pequenas? Como despertar nos adolescentes o interesse pelo filosofar? Esses são só alguns dos meus desafios diários.

Aqui a disciplina foi implementada por docentes sem formação na área. Quando se optou por oferecer esta disciplina, ela foi intitulada de “Iniciação Filosófica”, talvez pelo fato dela ter sido implementada por psicólogas da escola, que no início propunham em sala diálogos e reflexões acerca de diversos assuntos, que levavam as crianças a reflexão, questionamento e construção de conceitos, mas os/as alunos/as não tinham contato com conteúdo filosófico. Com o passar dos anos, especificamente em 2010, a Área de Filosofia já era constituída em sua totalidade por professores efetivos licenciados em Filosofia. Nesse contexto, nós sentimos a necessidade de incluir conteúdo filosófico nas aulas, o que foi feito gradualmente. Deste modo, não havia mais justificativa para prática anterior, porque entendemos que a criança é naturalmente apta ao filosofar, conforme dizia Aristóteles, a “Filosofia nasce do espanto” e esse espanto é, por excelência, próprio das crianças. Todavia, consideramos que o “espanto” é apenas o ponto de partida da reflexão, pois, para se trabalhar Filosofia com crianças/adolescentes, é fundamental partir de conteúdos filosóficos (temas próprios da filosofia/História da Filosofia/tradição filosófica). Neste contexto, dentre os desafios já citados, nosso primeiro e principal dilema foi definir um currículo, ou criar nosso próprio *Parâmetro Curricular*, uma vez que, no Ensino Fundamental, Filosofia não é obrigatória e não há um documento oficial a seguir, por isso, construímos o nosso. Decidimos então trabalhar com Temas e História da Filosofia desde o primeiro até o nono ano, oficializamos nosso currículo na instituição e partimos para a prática. Todo o processo de construção deste currículo demorou dois anos e constantemente estamos revisando-o. Além do currículo nos ajudar em sala de aula, auxilia também fora dela.

Além da sala de aula, como o Colégio de Aplicação favorece práticas inovadoras, tentei contribuir com atividades que fizessem com que nossos e nossas estudantes tivessem mais oportunidades de se aprofundarem em conteúdos filosóficos, no entanto, no período do contraturno. Para favorecer estes estudos, eu e meu colega de área criamos um *grupo de estudos* intitulado “Filosofia, Política, Ética e Direitos Humanos” (FILOPEDH). Esse grupo de pesquisa foi criado em 2015 e nos anos que se seguiram, muitos estudantes puderam se beneficiar de um “mergulho” no mundo da pesquisa acadêmica, iniciação científica, tendo oportunidade de aprender a sistematização de algo que sempre fizeram: pesquisar.

Acredito que todo ser humano é, por excelência, pesquisador. Quer e começa a conhecer o mundo antes mesmo de saber andar ou mesmo falar. A fase dos “porquês” tão difícil para algumas famílias é prova desse “ser pesquisador” que cada pessoa traz consigo desde seu nascimento. Neste período de grupo de pesquisa, pude submeter várias de nossas pesquisas em diversos eventos científicos próprios para a Educação Básica, tanto em nível local, como estadual e nacional. Conquistamos premiações de 1º, 2º e 3º lugar em nossa categoria (Ensino Fundamental 2: 6º ao 9º ano), no Ciência Viva<sup>30</sup>. Nas edições seguintes, abrimos o leque aos estudantes do ensino fundamental 1 (1º ao 5º ano), também com premiações. No entanto, as dificuldades de se trabalhar com as crianças menores por serem muito dependentes dos pais para as levarem ao contraturno, fez com que optássemos, posteriormente, por trabalhar com os adolescentes do Ensino Fundamental 2.

Sobre os desafios inerentes à prática, algo que percebo é que na Educação Básica a técnica é fundamental para o/a professor/a. Sei do dilema existente na academia acerca do conhecimento Filosófico e a técnica, e da “aversão” que muitos acadêmicos possuem para com as práticas advindas da pedagogia; para muitos, para ser um bom professor não é preciso técnica ou “pedagogismos”: a Filosofia dá conta de todo o processo. Entretanto, no Ensino Fundamental, as técnicas pedagógicas são aliadas no processo de ensino e aprendizagem, imagine lecionar filosofia para alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental, ainda em processo de alfabetização, sem técnica e/ou conhecimento pedagógico, seria possível? Para mim foi fundamental buscar esse conhecimento e fazer

---

<sup>30</sup> <https://www.dicaufu.com.br/ciencia-viva>

o possível para oportunizar aos estagiários que recebo, terem contato com esses artifícios, pois, caso eles optem por ensinar crianças a filosofar, terão um ponto de partida.

Assim, diante de nossas dificuldades, tentativas e acertos, muitos frutos colhemos das nossas pesquisas e prática pedagógica. Uma delas foi a criação do nosso parâmetro curricular, do qual fui protagonista, junto ao meu colega de área. Nosso Parâmetro curricular ou PCE, foi fruto de um trabalho intenso e o considero a maior conquista da Área de Filosofia, pois trouxe organização e direção para conduzirmos nosso trabalho em sala. Ele também foi fundamental para a guinada que a Área de Filosofia teve em nossa instituição. Ressalto que esse documento está em constante reflexão, avaliação e mudança, algo fundamental na educação, ou seja, pensar o exercício da nossa docência. A seguir nossos parâmetros curriculares ou PCE<sup>31</sup> da Área de Filosofia CAp ESEBA/UFU, versão 2025:



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**



**COLÉGIO DE APLICAÇÃO, ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

**ÁREA DE FILOSOFIA**

**PCE<sup>32</sup>**

---

<sup>31</sup> PCE, Plano Curricular de Ensino.

<sup>32</sup> Autores: Luciana Xavier de Castro e Rones Aureliano de Sousa.

## **CONCEPÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO DO COMPONENTE CURRICULAR:**

Nossa proposta de filosofia para/com crianças e adolescentes enfatiza o sentido do ensino de filosofia como uma experiência que possibilita a formação epistemológica, política e moral, com ênfase no desenvolvimento humano. Não se trata somente de transmitir conteúdo ou doutrinas filosóficas e nem mesmo de instruir os/as estudantes em nossa forma de pensar, mas de disponibilizá-los à busca compartilhada do conhecimento filosófico. Tudo isso, embasado em uma metodologia que recorre, sempre que possível, a propostas lúdicas, criativas e prazerosas a fim de conduzir os/as discentes para o universo do filosofar.

Para nós, o ensino de filosofia precisa necessariamente partir dos conteúdos e da tradição filosófica, sem sermos conteudistas, entretanto indo sempre em direção à realidade do (a) estudante, para que eles e elas possam escapar da percepção imediatista e superficial da realidade.

Ademais, para contemplar a RESOLUÇÃO Nº 04/2014, DO CONSELHO DE GRADUAÇÃO, a Área de Filosofia do Cap ESEBA-UFU propõe a inserção dos conteúdos étnico-raciais no ensino de filosofia, com o objetivo de resgatar e ressignificar a formação do Estado brasileiro e a contribuição cultural e filosófica dos povos indígenas, afrodescendentes e afro-brasileiros. Tais conteúdos são abordados nos quatro ciclos, dentro das temáticas éticas e políticas.

---

### **1. OBJETIVOS GERAIS DO COMPONENTE CURRICULAR**

- Promover a construção compartilhada do conhecimento.
- Promover a reflexão, o diálogo e articulação entre o pensar e o agir.
- Propiciar o aprendizado de um olhar crítico e criativo para a realidade.
- Proporcionar de forma simples e direta a apreensão de conceitos filosóficos.
- Possibilitar a autonomia do pensamento.
- Conduzir uma reflexão Ética acerca dos valores morais vigentes em nossa sociedade.

- Oportunizar, por meio do diálogo, reflexões sobre a cultura, política, ideologias vigentes e suas conexões com o desenvolvimento da identidade pessoal e social dos/as estudantes.
  - Promover um processo de reconstrução coletiva do conhecimento e da epistemologia filosófica.
  - Ter acesso aos grandes temas da tradição filosófica e da História da Filosofia, para que o estudante seja capaz de filosofar a partir de conteúdos filosóficos.
-

## 2. ESTRUTURA PROGRAMÁTICA

Nosso programa de filosofia procura desenvolver habilidades reflexivas que conduzem os discentes ao entendimento de si e de suas relações com o mundo e, ainda, o raciocínio lógico e coerente que potencializa o processo de investigação, construção e interpretação de conceitos filosóficos e da História da Filosofia concomitante com sua realidade.

É importante ressaltar que toda a estrutura programática curricular está voltada para uma abordagem filosófica vinculada a temas que abrangem o cotidiano e a vivência dos (as) nossos (as) estudantes, priorizando a interdisciplinaridade e a transversalidade dos demais componentes curriculares desta instituição, com vistas ao desenvolvimento humano, dentro de uma perspectiva histórico-cultural.

### 1º CICLO – 2º e 3º anos- Ementa, Metodologia e Habilidades específicas:

No primeiro ciclo optamos pela *Iniciação filosófica* de Matthew Lipman (LIPMAN, 1988), em que aplicamos a “Comunidade de Investigação”, método de preparação para o pensar filosófico, em uma abordagem *problematizante*, cuja ênfase está na preparação para o pensar, a fim de formular ideias e ser capaz de articular o pensamento reflexivo, crítico e lógico. Todavia, é importante ressaltar que para as nossas reflexões em sala, não adotamos propriamente as novelas escritas por Lipman, mas seu método de construção de conceitos. Destacamos que procuramos vincular o conteúdo do primeiro ciclo aos eixos temáticos definidos em nosso PPP-Cap ESEBA/UFU (Projeto Político Pedagógico da ESEBA)<sup>33</sup>.

### Ementa e Habilidades específicas:

Imaginação/Pensamento Criativo e Abstrato/ Identidade

### Similaridades e Diferenças

- Associar

<sup>33</sup> Projeto Político Pedagógico CAP/ESEBA-UFU. Disponível em: [http://www.eseba.ufu.br/system/files/conteudo/eseba\\_projeto\\_politico\\_pedagogico\\_2019-12-12\\_0.pdf](http://www.eseba.ufu.br/system/files/conteudo/eseba_projeto_politico_pedagogico_2019-12-12_0.pdf). Acesso em: 01/02/2021.

- Comparar
- Exemplificar
- Generalizar
- Relacional: causa/efeito; meios/fins; parte/todo.

#### **Inferências:**

- Informal
- Formal: dedução e indução.

#### **Conteúdo programático do 1º Ciclo:**

### ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 2º ANO

#### **1º Trimestre:**

- O conceito de pensamento (o pensador de Auguste Rodin)
- O que são lendas? (real x imaginário)
- As lendas do folclore brasileiro, introdução geral.
- Conhecendo as lendas e suas lições (valores):
- ✓ *Iara* (Reflexões sobre “Povos indígenas brasileiros”, diversidade e respeito às diferenças).
- ✓ *Mula sem cabeça* (reflexão sobre combinados e regras de convivência).
- ✓ *Curupira* (reflexão sobre preservação ambiental, sustentabilidade e respeito às diferenças [à pessoa com deficiência]).
- ✓ *Boitatá* (reflexão sobre preservação ambiental e sustentabilidade)
- ✓ *Saci-Pererê* (reflexão éticas a respeito do eu e o outro, respeito às diferenças [à pessoa com deficiência]).
- ✓ *Lobisomem* (reflexão sobre combinados de convivência e emoções).
- ✓ *Negrinho do pastoreio* (reflexão sobre questões raciais brasileiras: escravidão, racismo estrutural brasileiro e formação antirracista).

#### **2º Trimestre: Estética**

- O que é criatividade?
- A criatividade como expressão do belo.
- O conceito filosófico de Estética.

- O Belo e o Feio nos contos, histórias e imaginário infantil.
- O belo: padrões de beleza humana e suas implicações sociais (Autoimagem, Autoestima e Bullying).
- As questões étnico-raciais na perspectiva do Belo.

### **3º Trimestre: Lógica**

- Introdução ao conceito de Lógica.
  - Atividades de raciocínio lógico.
  - Jogos Lógicos.
- 

## ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 3º ANO

### **1º Trimestre: Autonomia e Autoconhecimento**

- O que é autonomia?
- O desenvolvimento da autonomia.
- Autonomia em casa.
- Autonomia na escola.
- Autonomia e responsabilidade.
- Introdução ao Autoconhecimento.
- O conceito de autoconhecimento.
- Quem sou eu?
- Como sou?

### **2º Trimestre: Introdução a Cultura Grega, o berço da Filosofia Ocidental**

- A Grécia e o berço da Filosofia (cultura geral)
- O Alfabeto Grego (Primeira língua da Filosofia)
- A democracia e sua importância.
- O desejo pelo conhecimento.
- Alimentação Grega: a importância da alimentação saudável (“Corpo são, mente sã” /Platão).
- As Olimpíadas e a importância da prática de esportes/ Valores Olímpicos.
- Introdução à Mitologia Grega (Análise de alguns mitos gregos, enfatizando a passagem do pensamento mítico para o logos, cultura e os valores).

### 3º Trimestre: Bioética (Peter Singer)

- O que é bioética?
- Conhecendo a Natureza/conceito.
- A poluição.
- Os tipos comuns de poluição e suas consequências.
- Conhecendo os 5Rs da Sustentabilidade.
- Os animais e sua relação com o meio ambiente.
- “O direito dos animais”.
- A Filosofia de Peter Singer

### 2º CICLO – 4º e 5º ano - Ementa, Metodologia e Habilidades específicas:

Além das habilidades trabalhadas no primeiro ciclo, enfatizamos no segundo ciclo, o raciocínio analógico e reflexivo, por meio da *Ética* e da *História da Filosofia* (Nascimento). Nesse momento do desenvolvimento humano, acreditamos que o estudante já está apto para conhecer a História da Filosofia na íntegra e os grandes temas filosóficos, tais como a Epistemologia e a Ética, sendo esses os principais conteúdos trabalhados. Nesse ciclo, promovemos a interdisciplinaridade e a transversalidade em consonância com os eixos temáticos definidos pelo PPP-ESEBA (Projeto Político Pedagógico da ESEBA). Justificamos que a tradição e história filosófica estão incluídas em nosso currículo, por acreditarmos que só se faz “Filosofia” e só se “Filosofa” a partir de conteúdos reconhecidamente filosóficos.

#### **Ementa e Habilidades específicas:**

- Imaginação/Pensamento Criativo e Abstrato/ Identidade

#### **Similaridades e Diferenças:**

- Comparações
- Símbolos
- Classificação
- Analogias
- Relações
- Metáforas

- Ambiguidades

### **Conteúdo programático do 2º Ciclo:**

#### ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 4ª ANO

##### **1º Trimestre: Epistemologia (Ou Teoria do Conhecimento)**

- O que é conhecimento?
- A comunicação do Conhecimento e os meios de comunicação.
- Conhecendo alguns tipos de conhecimento, suas diferenças e semelhanças: Senso Comum, Científico, Mitológico e Filosófico.

##### **2º Trimestre: Filosofia e seu conceito (Deleuze / Schopenhauer/ Pitágoras)**

- O que é filosofia (Conceito): sempre trabalhado de forma lúdica, a partir de algum clássico da literatura infantil, como por exemplo: *O Mágico de Oz* e *O Pequeno Príncipe*.
- Filosofar: a busca e o amor pela sabedoria, a “arte de fabricar conceitos”.
- As Etapas do filosofar: Curiosidade – Perguntas – Dúvidas – Investigação – Resposta – Conhecimento – Sabedoria.

##### **3º Trimestre: Filosofia e Filosofar**

- As perguntas filosóficas como ponto de partida para o conhecimento.
- Aprendendo a Filosofar.
- O papel do (a) Filósofo (a).
- A Filosofia e a Infância.

#### ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 5º ANO

##### **1º Trimestre: História da Filosofia antiga /Cosmologia**

- Mitologia ou Filosofia: a passagem do mito para o logos.

- O Nascimento da Filosofia.
- Os pré-socráticos (abordamos suas teorias cosmológicas e enfatizamos o tema Natureza e seus principais elementos, dando destaque para as atuais questões ambientais, como a poluição do ar e da água, dentre outros problemas. Aqui focamos a importância da sustentabilidade e do uso consciente dos recursos naturais.).

### **2º Trimestre: Cosmologia e Metafísica**

- *Heráclito de Éfeso* (O movimento e as transformações do mundo e do próprio ser humano) / Abordamos as mudanças na paisagem urbana de Uberlândia, o passado e o presente, conduzindo os discentes a observarem a cidade em sua volta / Nesse contexto, refletimos sobre as mudanças do indivíduo, o crescimento e amadurecimento físico e psicológico).
- *Parmênides de Eléia* (a ausência da mudança, a estática / trabalhamos as ilusões dos sentidos (empirismo), as questões psicológicas e a problemática do crescimento, passagem da infância para adolescência: será que de fato mudamos? Ou, como diria Parmênides, a mudança é uma ilusão e permanecemos os mesmos ao longo da nossa existência?).

### **3º Trimestre: Introdução a Ética**

- Ética, conceito: estudo dos valores que regem os relacionamentos interpessoais, como as pessoas se posicionam na vida e de que maneira elas convivem em harmonia ou não com as demais. O termo “Ética” é oriundo do grego e significa “aquilo que pertence ao caráter”. A ética diferencia-se de moral, uma vez que, a moral está relacionada a regras e normas, costumes de cada cultura, e a ética é o modo de agir das pessoas (universalmente) e o estudo das questões pertinentes às relações humanas como o outro e o meio em que vive.
  - Refletindo criticamente sobre os valores morais da nossa sociedade.
  - As questões étnico-raciais relativas à África (afrodescendentes) e aos afro-brasileiros.
-

### 3º CICLO – 6º e 7º ano - Ementa, Metodologia e Habilidades específicas:

No terceiro ciclo, no sexto ano, continuamos promovendo a construção coletiva do conhecimento e damos ênfase à capacidade de abstração do pensamento, com a “*Teoria das Ideias de Platão*” e outras teorias dos três principais filósofos gregos (Sócrates, Platão e Aristóteles). Finalizamos no referido ano, a História da Filosofia Antiga. Proporcionamos também aos alunos, terem contato com temas como a *retórica*, oportunizando a arte de falar e se fazer entendido, além do *Método Socrático* de aprendizagem e organização do pensamento. Por fim, o pensamento lógico aristotélico, que é, até os dias atuais, reconhecidamente, a principal técnica de articulação lógica das ideias, o que contribui para o desenvolvimento global dos estudantes.

Com todas essas habilidades adquiridas, os (as) discentes já estão preparados para pensar e falar sobre o momento em que estão vivendo, a adolescência. Assim, participam no sétimo ano do projeto interdisciplinar “*Adolescer*”, em que o tema central é a *Liberdade-Responsabilidade-Dever*, aos moldes *existencialistas* (de Jean Paul Sartre) e a *afetividade humana*, nas aulas conjuntas e alternadas com a Psicologia Escolar.

#### **Ementa e Habilidades específicas:**

- Imaginação/Pensamento Criativo e Abstrato/ Identidade

#### **Similaridades e Diferenças:**

- Comparações
- Símbolos
- Classificação
- Analogias
- Relações
- Metáforas
- Ambiguidades

#### **Conteúdo programático do 3º Ciclo:**

## ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 6º ANO

### **1º Trimestre:** História da Filosofia antiga

- Os Sofistas (Retórica)
- Sócrates (Método Socrático)
- Platão (Vida e Obra)
- Epistemologia em Platão (Alegoria da Caverna, pensamento metafísico abstrato e epistemológico/ Teoria das Ideias/ A “caverna dos dias atuais”, uma reflexão sobre o mundo virtual e as redes sociais.

### **2º Trimestre:** História da Filosofia antiga

- Aristóteles (Vida e Obra)
- As contribuições da filosofia Aristotélicas para a contemporaneidade.
- Metafísica e Epistemologia aristotélica

### **3º Trimestre:** Ética na filosofia antiga grega e sua relação com a contemporaneidade.

- O conceito de Ética em Platão e os dias atuais (busca das virtudes)
  - O conceito de Ética em Aristóteles (A importância do equilíbrio em nossas ações).
- 

## ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 7º ANO

### **1º Trimestre:** Adolescência

- O que é Adolescência?
- Introdução à Liberdade.
- Liberdade na adolescência.
- Liberdade e responsabilidade na adolescência.
- Consequências do uso indevido da Liberdade.
- A Ética das escolhas.

## 2º Trimestre: Jean Paul Sartre

- Jean Paul Sartre (Vida e Obra).
- Existencialismo.
- Os conceitos sartreanos de: Liberdade, Responsabilidade e Dever.

## 3º Trimestre: Bioética

- Bioética, o que é? (Ética relacionada à vida)
- O filósofo Peter Singer e a Bioética.
- A questão das drogas lícitas e ilícitas e suas consequências pessoais e sociais.

---

## 4º CICLO – 8º e 9º ano - Ementa, Metodologia e Habilidades específicas:

No quarto ciclo o conteúdo programático tem por objetivo aprimorar a o raciocínio reflexivo e crítico. Desenvolvendo a autonomia do pensamento, com os conteúdos: Filosofia Social (que aborda as problemáticas da sociedade capitalista e as diversas ideologias, além da alternativa ao sistema capitalista, o socialismo, tendo como fonte o pensamento de Karl Marx e os teóricos da Teoria Crítica - Escola de Frankfurt). Além disso, trataremos da crítica à proposta marxista com o estudo do liberalismo econômico e o neoliberalismo.

Abordaremos também o tema Política, e as relações de poder, com base nos filósofos modernos contratualistas (Hobbes, Locke e Rousseau), a questão da democracia e a política e/ou politicagem no Brasil e no mundo.

### **Ementa e Habilidades específicas:**

- Imaginação/Pensamento Criativo e Abstrato/ Identidade

### **Similaridades e Diferenças:**

- Comparações
- Símbolos
- Classificação
- Analogias
- Relações

- Metáforas
- Ambiguidades

### **Conteúdo programático do 4º Ciclo:**

#### ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 8º ANO

#### **1º Trimestre: Filosofia Social e Teoria Crítica**

- O sistema capitalista.
- Indústria Cultural.
- Cultura de massas.
- Desigualdade Social.

#### **2º Trimestre: História da filosofia contemporânea**

- Karl Marx (Vida e Obra).
- Contexto Histórico: Revolução Industrial.
- A luta de classes: Burguesia x Proletariado.
- Contraponto: o liberalismo de Ludwig Heinrich Edler von Mises.
- O conceito de neoliberalismo.

#### **3º Trimestre: Ideologia**

- O que é Ideologia / Reflexão sobre o conceito geral, as várias ideologias vigentes na sociedade contemporânea.
  - Ideologia nas histórias em quadrinhos.
  - Ideologia da Beleza (Padronização da Beleza).
  - Movimento Feminista e outros.
-

## ❖ CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 9º ANO

### **1º Trimestre: Filosofia Política**

- As relações de poder (Relações de poder no Brasil).
- O Estado e sua formação.
- A relação entre Estado e Cidadão (público x privado).

### **2º Trimestre: O Sistema político no Brasil / Povos Indígenas / Contextos históricos**

- Os três poderes.
- Contribuições dos povos indígenas na construção de políticas públicas no Estado brasileiro.
- Contribuições dos povos indígenas na construção do Estado brasileiro
- A contribuição cultural dos afrodescendentes e afro-brasileiros na construção do Estado brasileiro
- Ética e política no Brasil

### **3º Trimestre: Filosofia Política e o Contratualismo**

- Contratualismo (Contexto histórico, Estado de Natureza e a Formação das sociedades).
- Hobbes e o Absolutismo.
- John Locke e o pensamento liberal.
- Rousseau e a democracia direta.

---

### **3. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO**

A avaliação é quantitativa e qualitativa, relacionada ao envolvimento nas discussões e no cumprimento das atividades pedagógicas, além de considerar as atividades interdisciplinares e multidisciplinares:

- Avaliações de registro: produção e interpretação de textos e imagens; cópia no caderno dos conteúdos apresentados na lousa; trabalhos avaliativos trimestrais.
- Oralidade; exposição; reflexões coerentes;

- Garantir um clima afetivo capaz de sustentar a expressão de ideias de quem queira se posicionar.
- Avaliação coletiva do processo desenvolvido e da metodologia utilizada nas aulas de Filosofia.
- Autoavaliação

## 6. RELAÇÃO DE PONTOS POR CONCEITO

CONCEITOS PARA O 1º TRIMESTRE		
A	de 81 a 100%	de 25 a 30 pontos
B	de 61 a 80 %	de 19 a 24 pontos
C	de 41 a 60 %	de 13 a 18 pontos
D	de 21 a 40 %	de 7 a 12 pontos
E	até 20%	até 6 pontos

CONCEITOS PARA O 2º TRIMESTRE		
A	de 81 a 100%	de 29 a 35 pontos

B	de 61 a 80 %	de 22 a 28 pontos
C	de 41 a 60 %	de 15 a 21 pontos
D	de 21 a 40 %	de 8 a 14 pontos
E	até 20%	até 7 pontos

CONCEITOS PARA O 3º TRIMESTRE		
A	de 81 a 100%	de 29 a 35 pontos
B	de 61 a 80 %	de 22 a 28 pontos
C	de 41 a 60 %	de 15 a 21 pontos
D	de 21 a 40 %	de 8 a 14 pontos
E	até 20%	até 7 pontos

---

## 7. ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS DO COMPONENTE CURRICULAR (METODOLOGIA)

Em geral, nossa aula de Filosofia contempla os seguintes momentos:

### **Apresentação do tema.**

O tema pode ser introduzido mediante o uso de recursos didáticos, tais como: texto escrito, jogos, vídeos, músicas, imagens, produções artísticas, representação dramática, literatura infanto-juvenil, enfim, qualquer recurso didático que seja potencialmente provocador e seja um ponto de partida para a reflexão proposta.

### **Apresentação do conceito filosófico.**

O tema será fundamentado em uma abordagem propriamente filosófica, ou seja, os (as) estudantes entrarão em contato com conceitos desenvolvidos ao longo da história da filosofia para que filosofem com ela.

### **Problematização e diálogo filosófico.**

Nesta etapa, os (as) alunos (as) elegem ideias ou problemas mais significativos e interessantes sobre o tema proposto. Formulam perguntas que serão dialogadas filosoficamente pela turma.

### **Avaliação.**

A avaliação será considerada como um momento de investigação acerca do conteúdo desenvolvido, adotando-se a observação livre ao considerar o envolvimento dos participantes no decorrer da aula, além das atividades de registro.

---

## 8. PROJETOS DA ÁREA:

PROJETO DE ENSINO E PESQUISA: *FILOSOFANDO COM POLÍTICA, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS (E GRUPO DE ESTUDO)*:

(Resumo do projeto)

Á Área de Filosofia do CAP/ESEBA-UFU realiza o projeto de ensino e pesquisa, *Filosofando com a Política, Ética e Direitos Humanos*, idealizado e coordenado pelos professores Luciana Xavier de Castro e Rones Aureliano de Sousa, com a participação de estudantes do 3º e 4º ciclo desta instituição, selecionados anualmente de forma voluntária.

Os (as) estudantes são conduzidos por seus orientadores a desenvolverem, durante todo o ano letivo, trabalhos de pesquisa nas áreas filosóficas da: Política, Ética e Direitos Humanos. A partir dessas pesquisas, cada aluno teve e tem a oportunidade de produzir trabalhos escritos, em seus diversos formatos acadêmicos, como, comunicações, pôsteres, dentre outros, em encontros, congressos e seminários. Produção de materiais áudio visuais, como, programas para a Rádio ESEBA Ativa e documentários sobre os temas pesquisados.

Desse projeto nasceram vários frutos, foram feitas comunicações (Encontro “Ciência Viva-2015” e os anos que se seguiram, promovido pela Universidade Federal de Uberlândia, em que os trabalhos produzidos por nossos (as) estudantes, sob nossa orientação, obtiveram o primeiro, segundo e terceiro lugar, na categoria de ciências humanas), programas para a Rádio ESEBA Ativa e o documentário lançado em 2015 intitulado: “*Há uma Luz fora da Caverna*” (<https://www.youtube.com/watch?v=GYQjAbLjDnY>).



Ao final do trabalho descrito, ou seja, o Plano Curricular de Ensino da Área de Filosofia do Cap ESEBA/UFU e tendo encontrado êxito em sua aplicabilidade, produzimos uma coleção de apostilas, que contém textos, ilustrações e atividades, para auxiliar nosso trabalho. A coleção foi finalizada, não encerrada. Ela passa por constantes revisões e aprimoramentos até que nós a consideremos apta para melhor contribuir na instrução das crianças e adolescentes que dela tiverem acesso. Vale ressaltar que a apostila não foi criada para sufocar o/a aluno/a ou “engessar” o nosso fazer pedagógico, inviabilizando propor algo diferente do que essa coleção contém. Entretanto ela é um material de apoio oportuno, visto que maximiza nosso trabalho, pois temos apenas uma aula semanal com as crianças, que muitas vezes ainda estão em estágio de alfabetização.

Concluimos que todo esse processo foi de grande aprendizagem para os envolvidos, posto que obtivemos êxitos nos objetivos propostos e pudemos contribuir para o ensino de filosofia nos primeiros anos da Educação Básica, bem como para a formação inicial dos nossos estagiários, servindo de parâmetros para que mais escolas possam se inspirar no trabalho desenvolvido. Ademais, estamos em processo de revisão do conteúdo da apostila, para publicarmos como coleção de livro didático ainda em 2026.

Uma de nossas apostilas (futuro livro didático):



**APOSTILA DE FILOSOFIA**



## **HORA DE PENSAR**



**QUARTO ANO**

**LUCIANA XAVIER DE CASTRO**

### **Sumário**

<b>CAPÍTULO 1: EPISTEMOLOGIA</b>	2
O QUE É O CONHECIMENTO?	3
<i>Conhecimento</i>	3
<i>teoria do conhecimento</i>	3
A COMUNICAÇÃO DO CONHECIMENTO E SEUS MEIOS	4
<i>O que é comunicação?</i>	4
OS TIPOS DE CONHECIMENTO	7
<i>Senso comum</i>	7
<i>científico</i>	7
<i>mitológico</i>	8
<i>filosófico</i>	8
<b>CAPÍTULO 2: CONCEITO DE FILOSOFIA E INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA</b>	12
O PEQUENO PRÍNCIPE E A FILOSOFIA	13
COMO FILOSOFAR	16
<b>CAPÍTULO 3: CONCEITO DO FILOSOFAR</b>	18
AS PERGUNTAS FILOSÓFICAS!	19
O QUE É O PENSAMENTO?	22
A FILOSOFIA E AS CRIANÇAS	24
<b>REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO</b>	25

## CAPÍTULO 4

### EXTENSÃO, GESTÃO E DEMAIS TRABALHOS REALIZADOS

#### Extensão

- **Projeto Integrar**

Como se sabe, uma das funções de um docente do Colégio de Aplicação é atuar na extensão. Em minha carreira, tive a oportunidade de fazer parte de Projeto Integrar<sup>34</sup>, um projeto de extensão da nossa instituição sob coordenação da professora Dra. Cláudia Silva de Souza, da Área de Psicologia Escolar, desde 2015. Ao longo desses anos, o projeto teve vários integrantes da comunidade escolar, sejam docentes, técnicos, estagiários, estudantes e famílias dos/as estudantes.

O Projeto Integrar é um projeto de ensino e extensão, consolidado no Cap ESEBA/UFU. Iniciou suas atividades em 2006. O objetivo geral do projeto é estreitar as relações entre família e escola, desafio e necessidade prementes, visto que, percebemos o quanto estas duas instituições são importantes e precisam trabalhar juntas para atingirem os seus principais objetivos em comum: contribuir para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

A cada ano, a equipe se reúne quinzenalmente, discute as possibilidades temáticas e elege um tema para ser desenvolvido ao longo do ano letivo junto aos estudantes, familiares, professores e comunidade em geral. A metodologia adotada nos últimos anos envolve: intervenções em sala de aula, nas turmas de quarto a nonos anos e evento em sábado letivo, aberto a toda a comunidade externa; que visa “coroar” o processo vivenciado durante o ano e agregar novas ações integrativas e formativas.

O projeto, geralmente, é cadastrado na plataforma que rege as ações extensionistas da universidade- Siex- UFU<sup>35</sup> - para efeito de certificação de todos os participantes. A equipe, também, configura uma comissão interna do Cap

---

<sup>34</sup> No ano de 2025 foram integrantes desse projeto: Ana Laura Morais, Ariane de Souza Siqueira, Cláudia Silva de Souza, Dayane Rodrigues Silva, Dyeinne Pereira, Fernandes Fernanda de Magalhães, Ingrid Silva Cardoso, Larissa Alves Diniz, Luciana Xavier de Castro, Pollyanna Honorata Silva e Quênia Côrtes dos Santos Sales.

<sup>35</sup> Sistema de Informação de Extensão. Disponível em: <https://siex.proexc.ufu.br/> Acesso: 17/09/2025

ESEBA/UFU<sup>36</sup>. Em muitas edições do projeto, contou-se, além disso, com uma comissão externa: em geral, familiares de estudantes interessados na temática abordada. A maioria dos membros do projeto se reúne presencialmente nos encontros destinados à elaboração e execução das ações.

No ano de 2025, após os encontros iniciais, definimos como tema “Diálogo entre Gerações”. Nesse contexto, assim como nos anos anteriores, muitas ações dialógicas foram realizadas a respeito do tema, seja nos encontros da comissão, em intervenções em sala de aula e em nosso evento de fechamento, aberto à comunidade.

Por fim, ao longo dos anos, o projeto sempre buscou criar espaços reflexivos e de escuta, tanto no ambiente escolar quanto familiar, para que estudantes e responsáveis pudessem refletir sobre os desafios da comunicação e das relações afetivas. Em todo esse período de atuação o projeto trabalhou diversos temas, como “Conscientização e Combate ao Aedes Aegypti”, “Educação no Trânsito”, “Valorização da Vida”, “ESEBA 40 anos de Vidas”, entre outros. O projeto trouxe grande aprendizado para mim e uma significativa contribuição dialógica com a comunidade, em todos esses anos e por meio de todos os temas escolhidos.



---

<sup>36</sup> Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://eseba.ufu.br/>  
Acesso em: 17/09/2025.

(Acervo da autora)



(Acervo da autora)

- **Projeto PEIC**

O Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade (Peic) é uma iniciativa da Pró-reitora de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (PROEXC/UFU) que fomenta projetos de extensão voltados à integração entre a universidade e a sociedade. Ele incentiva docentes e técnicos a desenvolverem ações que unem ensino, pesquisa e extensão, focando especialmente em inclusão, direitos humanos e temas sociais<sup>37</sup>.

Nesse contexto, em 2015, participei do projeto PEIC, elaborado pela Área de Educação Infantil da ESEBA que consistia na formação continuada de professores. O projeto contou com vários módulos. Um desses módulos foi dado por mim e pelo professor Rones Aureliano de Sousa, com o título *O Ensino de Filosofia na Educação Básica*. Foi um projeto relevante que permitiu a professores da região, em sua maioria pedagogos, compreender a prática do ensino de Filosofia para/com crianças.

### **Gestão**

Desde 2010, quando tomamos posse como professores efetivos, eu e Rones temos alternado na função de Coordenador de Área de Conhecimento. Nesse contexto, desde 2024, sou coordenadora da área. Na ESEBA, o coordenador de Área de Conhecimento é o/a professor/a responsável por organizar, articular e acompanhar o trabalho pedagógico da área de ensino a qual faz parte; além de participar mensalmente do conselho superior da unidade, o CONESEBA.

- **Principais funções do coordenador de Área<sup>38</sup>**

#### **Articulação pedagógica da área:**

- Planejar e organizar, junto com os/as professores, as ações pedagógicas da área.

---

<sup>37</sup> Projeto PEIC. Disponível em:

<https://editais.ufu.br/node/6540#:~:text=As%20propostas%20devem%20se%20enquadrar,seus%20anexos%20para%20mais%20informa%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 15 de março de 2026.

<sup>38</sup> Disponível em :

[https://www.eseba.ufu.br/system/files/conteudo/2019\\_11\\_09\\_adendo\\_regimento\\_interno\\_eseba\\_aprovado\\_cpa\\_31\\_10\\_2019\\_-\\_final\\_0.pdf](https://www.eseba.ufu.br/system/files/conteudo/2019_11_09_adendo_regimento_interno_eseba_aprovado_cpa_31_10_2019_-_final_0.pdf) Acesso: 15 de março de 2026.

- Garantir que os conteúdos e metodologias estejam alinhados ao Projeto Político Pedagógico da escola.

#### **Acompanhamento do trabalho docente:**

- Promover reuniões de área.
- Discutir planejamento, avaliações, projetos e dificuldades no ensino.
- Apoiar os professores no desenvolvimento das disciplinas.

#### **Organização curricular:**

- Ajudar na definição de conteúdo, objetivos e estratégias de ensino.
- Contribuir para revisões do currículo e do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

#### **Avaliação e acompanhamento da aprendizagem:**

- Analisar resultados de avaliações e desempenho dos estudantes.
- Propor melhorias pedagógicas quando necessário.

#### **Integração entre professores/as e gestão:**

- Fazer a ponte entre os professores da área e a coordenação pedagógica/direção.
- Levar demandas, sugestões e decisões para o coletivo.

#### **Organização de projetos e atividades acadêmicas:**

- Incentivar projetos interdisciplinares.
- Muitas vezes, coordenar participação em feiras, eventos científicos ou atividades formativas.

Assim, o/a coordenador/a de área na ESEBA atua como liderança pedagógica do conjunto de conteúdo da sua área, garantindo coerência curricular, diálogo entre professores/as e qualidade no ensino. Diferente da direção ou das assessorias pedagógicas gerais, ele/a atua especificamente no campo da sua área de conhecimento.

De acordo com as definições da função do/a coordenador (a) de área, tenho desenvolvido esse trabalho por muitos anos. Esse trabalho me possibilita muitos aprendizados, seja no exercício da função na área, seja na participação no CONESEBA. Além disso, destaco o desenvolvimento da liderança pedagógica. Aprender a mobilizar colegas, conduzir reuniões, mediar opiniões diferentes e construir decisões coletivas sobre ensino, currículo e avaliação. Dessa maneira, eu posso ter uma visão mais ampla do currículo e compreender melhor a articulação entre os ciclos e etapas de ensino, a sequência de conteúdos e como os conteúdos da área se complementam. Isso me ajuda a planejar minhas aulas de forma mais integrada e estratégica. A função possibilita ter uma visão básica das habilidades necessárias para exercer uma gestão, como: organização de planejamento anual, acompanhamento de resultados, elaboração de relatórios e propostas pedagógicas. Além de fortalecer o trabalho colaborativo e democrático. Ademais é uma função que me proporciona o crescimento profissional e acadêmico. Ser coordenador de área me ensina, enfim, liderança, visão curricular, gestão pedagógica, colaboração e reflexão crítica sobre o ensino, tornando-me uma profissional com ampla visão da complexidade de um Colégio de Aplicação.

## **Orientação**

Ao longo desses 16 anos, tive a oportunidade de realizar orientações de pesquisa e supervisão de estágios, seja estágio obrigatório ou de projeto de ensino desenvolvidos pela área.

Minha primeira experiência como orientadora começou no extinto projeto PICD. O objetivo do Programa de Iniciação Científica Discente (PICD) era organizar, no espaço escolar, projetos de pesquisa que possibilitasse a todos os/as alunos/as vivenciarem atividades pautadas em metodologias que permitissem a dinâmica de investigação de questões que emergem na sociedade. O PICD tinha a duração de um ano letivo, dividido em três etapas: - Primeira etapa - Com duração prevista de dois meses, é destinada ao processo de construção e divulgação da dinâmica do trabalho de pesquisa científica a ser realizado; a formação dos grupos de pesquisa; a escolha do professor orientador e a inscrição do grupo junto à comissão responsável pela execução do Programa. - Segunda etapa - Com duração prevista para aproximadamente oito

meses, é destinada à construção e desenvolvimento do projeto de pesquisa, bem como elaborar um relatório final ou definir uma maneira para socializar a pesquisa desenvolvida. - Terceira etapa - os grupos apresentarão os resultados obtidos pela pesquisa realizada no Congresso de Iniciação Científica Discente.

Nesse contexto, foi orientadora do PICD por 3 anos seguidos, orientando em cada um deles grupos distintos. O processo era realizado de forma democrática em que as crianças escolhiam o tema a ser pesquisado e escolhiam quem iria orientar seu projeto. Esse projeto me trouxe experiências enriquecedoras e foi meu primeiro contato com a função de orientação.

Particpei também do GEPIT<sup>39</sup> de 2015 a 2017. O GEPIT em que orientei estudantes com pesquisas nos mais diversos temas na área de humanidades, como por exemplo:

- Brasil: história, política e atualidade
- Jovem, você é um ser político: assumo o seu papel
- Corrupção: uma análise da conjuntura política brasileira atual
- Programa (de Rádio) 'Reflexões Teen
- Escola sem Partido versus Liberdade de Expressão
- Um olhar para o conhecimento
- Documentário: um eficaz meio para refletir sobre política e Filosofia
- Mitologia e a relação com a atualidade
- Reflexões sobre o Analfabeto Político
- Uma reflexão sobre a sociedade capitalista aos olhares de Karl Marx

Nesse contexto, orientei estudantes do grupo de pesquisa, Filosofia, Política, Ética e Direito Humanos – FILOPEDH, da Área de Filosofia. Realizava reuniões semanais com os integrantes do grupo e as pesquisas eram restritas ao campo da Filosofia. Um projeto que frutificou em apresentação de trabalhos, publicação de resumos e resumos estendidos. Um período marcante em minha docência. Atualmente o grupo segue com o outro professor da área em parceria com o GEPIT.

---

<sup>39</sup> O Grupo de Estudos, Pesquisas e Inovações Tecnológicas (GEPIT), Colégio de Aplicação da UFU.

Em 2022, através do projeto PIVIC<sup>40</sup>, orientei a discente Poliana Luiza da Silva, do curso de Filosofia do Instituto de Filosofia da UFU, cujo título da pesquisa era: *A moral cristã na filosofia de Jean-Jacques Rousseau*. A orientação iniciou-se em 2022 e foi concluída em 2023, em que culminou em apresentação de trabalho em evento científico e publicação de resumo, além da escrita do relatório final da pesquisa.

Orientação do então estudante do curso de Filosofia do Instituto de Filosofia da UFU, por meio do projeto de bolsas de estágio da PROGRAD, Kaique Aparecido Gonçalves e Silva, que participou das pesquisas e construção do nosso currículo. Assim que percebemos a precariedade e a necessidade de estruturação da área de Filosofia e importância de construir nosso currículo, já no início da pesquisa notamos a complexidade da escolha do currículo, das metodologias e até da produção de materiais didáticos a serem utilizados nas aulas. Essa dificuldade e as diversas experimentações, que se iniciaram em 2010, se estenderam até meados de 2014/2015.

A partir desse projeto, nós, professores da Área de Filosofia, submetemos e fomos contemplados com uma bolsa do “Programa de bolsas de graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PROGRAD/UFU)”, no edital do ano de 2015, com o intuito de conseguir um/uma estagiário/a para auxiliar no desenvolvimento desse projeto e lhe proporcionar a vivência da pesquisa e prática docente.

O objetivo principal, em parceria com o graduando, era: estabelecer os parâmetros curriculares do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental da ESEBA/UFU, produzir material didático para os/as alunos/as, que consistia, à princípio, na diagramação de uma coleção de apostilas; além de contribuir com o bolsista no que diz respeito à sua formação, não apenas enquanto docente – tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio – mas, também, em relação à sua formação enquanto pesquisador.

Por fim, como atuo em uma escola cujo um dos pilares é ser campo obrigatório de estágio para licenciandos da Universidade Federal de Uberlândia,

---

<sup>40</sup> Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC), da Universidade Federal de Uberlândia.

supervisionei, ao longo desses anos, diversos estagiários e estagiárias, com o intuito de contribuir com a formação inicial desses graduandos.

### **Organização de eventos**

Minha trajetória acadêmica também me proporcionou organizar e realizar diversos eventos. Organizar eventos acadêmicos (seminários, congressos, jornadas, simpósios) me trouxeram vários benefícios, não somente para mim, mas para os participantes, pesquisadores e a instituição. Esses eventos são importantes para fortalecer a vida acadêmica, a produção e a divulgação de conhecimento.

#### **Alguns eventos organizados:**

- **CASTRO, L. X.; SOUZA, B. K.; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA.** II Jornada de Estudos do grupo de pesquisa, "As Máscaras do Sagrado". 2021. (Congresso).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** II Encontro Regional de Professores de Filosofia-Uberlândia, região e estados vizinhos. 2016. (Outro).
- **CASTRO, L. X.; Dr. José Benedito Almeida Junior.** 1º Encontro de Professores de Filosofia dos Níveis Fundamental, Intermediário, Técnico e Tecnológico do Triângulo Mineiro. 2011. (Outro).
- **CASTRO, L. X.; Dr. José Benedito Almeida Junior.** Curso de Extensao: Novas Perspectivas Teóricas e Práticas do Ensino de Filosofia. 2010. (Outro).
- **CASTRO, L. X.; Angélica Silva Costa; Caroline Mendes de Carvalho.** Primeiro Curso de Extensão do Laboratório de Ensino de Filosofia. Minicurso História da Filosofia. 2007. (Outro).
- **CASTRO, L. X.; Angélica Silva Costa; Caroline Mendes de Carvalho.** Primeiro Curso de Extensão do Laboratório de Ensino de Filosofia. Minicurso Língua Grega. 2007. (Outro).

### **Apresentações de comunicações em eventos científicos:**

- **CASTRO, L. X.** O Diário de Ideias no ensino de Filosofia para/com crianças e adolescentes (Contexto Pandêmico). 2025. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** O Diário de ideias no ensino de Filosofia. 2024. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- **CASTRO, LUCIANA XAVIER.** A autonomia da moral no pensamento de Jean-Jacques Rousseau. 2022. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, LUCIANA XAVIER DE.** A relação entre cristianismo e a filosofia moral de Jean Jacques Rousseau. 2022. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, LUCIANA XAVIER DE.** A relação entre a república de Genebra e a filosofia política de Jean-Jacques Rousseau. 2022. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** O Cristianismo de Jean-Jacques Rousseau. 2021. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Escola sem Partido versus Liberdade de Expressão. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Programa (de Rádio) 'Reflexões Teen'. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Corrupção: uma análise da conjuntura política brasileira atual. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Jovem, você é um ser político: assumo o seu papel. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Brasil: história, política e atualidade. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Mitologia e a relação com a atualidade. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Uma reflexão sobre a sociedade capitalista aos olhares de Karl Marx. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Reflexões sobre o Analfabeto Político. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Documentário: um eficaz meio para refletir sobre política e Filosofia. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação)

- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Um olhar para o conhecimento. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.; SOUSA, R. A.** Filosofando com a Política. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X. SOUSA, R. A.** Currículo de Filosofia no Ensino Fundamental. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** Rousseau e a Carta a Carta a Christophe de Beaumont, um registro contra a intolerância. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** Uma análise da concepção de Cristo apresentada por Rousseau em: Ficção ou Peça Alegórica sobre a Revelação. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** Filosofia com Crianças: O conhecimento. 2009. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- **CASTRO, L. X.** Reflexões acerca do Ensino Teórico e Prático de Filosofia para / com crianças. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** Os Fundamentos da Religião Civil em Rousseau. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** O Contratualismo, Jean- Jacques Rousseau. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- **CASTRO, L. X.** O Filosofar com crianças a partir de conteúdo filosófico. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- **CASTRO, L. X.** O Teísmo na Profissão de Fé do Vigário Saboiano. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

### **Participação em Bancas**

#### **Trabalhos de conclusão de curso de graduação:**

- **CASTRO, LUCIANA XAVIER DE; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA; SOUSA, M. D.** Participação em banca de MATHEUS DIAS DE SOUSA.O falso e o verdadeiro contrato social em Rousseau. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia - Licenciatura ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia.
- **CASTRO, L. X.; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA.** Participação em banca de Gabriela Antoniello de Oliveira.Maquiavel e a Sátira Política em Defesa da

Liberdade. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia - Licenciatura ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia.

- **CASTRO, L. X.; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA.** Participação em banca de Nélío Gonçalves. Gênese e desenvolvimento Histórico-Filosófico do Conceito de Ideologia. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

- **CASTRO, L. X.; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA.** Participação em banca de Herick Anndherson Francisco. A religião de Genebra. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

- **CASTRO, L. X.; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA.** Participação em banca de Nélito José dos Reis. A Felicidade em Santo Agostinho. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

- **CASTRO, L. X.; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA.** Participação em banca de Daniel Braga de Costa. O Conceito de Idéia em John Locke. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Uberlândia.

- **CASTRO, L. X.; JÚNIOR, JOSÉ BENEDITO DE ALMEIDA.** Participação em banca de José Roberto Silva Andrade. A Educação em Rousseau. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Uberlândia.

#### **Qualificação de Doutorado:**

- Membro da Banca de exame de qualificação de Tese de Doutorado da aluna Alessandra Carvalho Abrahão Sallun; no programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFU. Data: 31/10/2024.

- Membro da Banca de exame de qualificação de Tese de Doutorado da aluna Regiani Cristina Jacinto Ferreira; no programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFU. Data: 31/10/2024.

### **Membro de banca de Doutorado**

- Membro da Banca de defesa de Tese de Doutorado intitulada: “As possibilidades existenciais em Kierkegaard: a busca pelo estágio excelente, o quarto estágio”, do aluno Juvenal Dias da Rocha, Programa de Pós-Graduação em Filosofia; realizado no dia 04 de julho de 2025.
- Membro da Banca de defesa de Tese de Doutorado intitulada: *Mary Wollstonecraft: o vicejar, a ruptura e sua Filosofia*; da aluna Alessandra Carvalho Abrahão Sallun, Programa de Pós-Graduação em Filosofia; realizado no dia 27 de agosto de 2025.

### **Banca de Concurso Público**

- **CASTRO, L. X.** Concurso Público para a categoria funcional de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)- Área/Subárea: Filosofia / Ciência, Tecnologia e Inovação/ Filosofia da Educação. 2011.

### **O período pandêmico e o trabalho com o programa institucional Diário de Ideias**

- **O Diário de Ideias como superação de desafios metodológicos e meio para filosofar**

Com o advento pandêmico provocado pelo SARS-CoV-2, o ano letivo de 2020 e 2021 nos trouxe grandes e novos desafios, além daqueles que já possuíamos. Nós, profissionais da educação, estudantes e familiares, nos deparamos com os obstáculos do ensino remoto, que perpassa pela sua compreensão, até as dificuldades da sua implementação; tais como, questões de ordem técnica, de acesso à tecnologia, exaustão frente ao tempo de telas, concentração, desigualdade digital e social, que refletem as diferentes realidades do contexto escolar e muitos outros dilemas.

Apesar disso, o acesso à educação precisou ser mantido, mesmo diante dos imensos e diversos desafios, realidade vivida não somente em nossa instituição, mas

em escolas de todo o mundo. Entretanto, a despeito de momentos desafiadores, a vida nos revela belas e gratas surpresas. Foi exatamente nesse contexto que me foi apresentado a possibilidade de trazer para as aulas de Filosofia a ferramenta *Diário de Ideias*, projeto institucional desse Colégio de aplicação, entretanto que já foi implementado em diversas escolas públicas municipais da nossa cidade e região, a saber, Uberlândia, Minas Gerais e cidades do entorno. Tudo com o apoio e coordenação da sua idealizadora, a professora e pesquisadora Doutora Luciana Soares Muniz. Passamos então a filosofar, ainda que remotamente, por intermédio do *Diário de Ideias*, que consiste em:

[...] uma metodologia para o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, com ênfase no caráter autoral e criativo dos estudantes. Se organiza mediante um caderno personalizado pelo aprendiz e utilizado como diário, para registros espontâneos que envolvem diferentes possibilidades de marcar ideias, observações do mundo de forma geral, dentre outros interesses de registro. Para a criação do diário são utilizadas folhas de papel A4 coloridas, divididas ao meio e encadernadas com uma capa, contendo um espaço para inserir o nome e a foto do(a) autor(a). (MUNIZ, 2020, p. 96).

Os objetivos e princípios metodológicos do *Diário de Ideias* estão de acordo com os objetivos da investigação filosófica na infância. Segundo sua idealizadora, seus objetivos são:

[...] a) criar espaço de registro e investigação da escrita e da leitura de mundo pela criança; b) entrelaçar as propostas do trabalho pedagógico com as experiências da vida dos aprendizes; c) oportunizar às crianças a compreensão da leitura e da escrita como processos de comunicação, produção e expressão; d) contribuir para o desenvolvimento da subjetividade. (MUNIZ, 2020, p. 96).

Conforme dito, as vivências, os questionamentos e propriamente as ideias trazidas pelas crianças, são fonte inesgotável do pensar filosófico, da busca de uma compreensão não imediatista da realidade. A experimentação do *Diário de Ideias* nas aulas remotas de filosofia me abriu um universo enorme de possibilidades, que fez com que eu fosse além dos parâmetros curriculares e metodologia da Área de Filosofia, indo em direção a um novo universo, aquele criado pelas crianças. Ele me ajudou a superar desafios metodológicos, que não estão restritos ao ensino remoto, mas persistem nas aulas presenciais. Com ele, vivências e ideias brotam o tempo todo, e as

crianças tiveram um expressivo protagonismo e mais autonomia em nossas investigações filosóficas.

O ponto de partida do uso desse recurso nas aulas de filosofia foi o diálogo. Logo no início das aulas, as crianças tinham a oportunidade de compartilhar suas ideias. A partir dessas, desenvolvemos muitas de nossas aulas. Em alguns momentos, o que era compartilhado se referia ao conteúdo trabalhado, em outros, não. Ainda assim, sempre que possível, conversávamos sobre o que era trazido pelas crianças. Foi o diálogo, aos moldes do *Diário de Ideias*, a base de nossas aulas durante todo aquele período. Nas linhas a seguir, contarei sobre algumas das experiências vividas com essa metodologia instigante.

Para o ano de 2020 estava previsto para o conteúdo programático do terceiro ano, dentre várias temáticas, a Bioética na perspectiva utilitarista, a partir das reflexões do filósofo Peter Singer<sup>41</sup>. A apresentação do tema às crianças se deu no contexto das aulas remotas síncronas, por meio da plataforma Teams<sup>42</sup>. A partir da apresentação do conceito, que sempre ocorre através de uma pergunta disparadora da reflexão, geramos uma investigação coletiva no tocante a pergunta, cujo objetivo era formular uma resposta coletiva. Esse se tornava o nosso conceito filosófico, apesar de nem sempre conseguirmos chegar a um único conceito/consenso. A pergunta foi: “Qual a melhor forma de preservar a natureza e seus elementos?” Juntamente com a pergunta, foram projetadas imagens ilustrativas, algumas delas inspiradoras, outras com diversos problemas ambientais, tais como, poluição, queimadas e outras situações prejudiciais ao meio ambiente. A partir das imagens, cada criança deu sua opinião, compartilhou sua ideia. Ao final da aula, foi pedido aos estudantes que pensassem sobre esse tema e registrassem suas impressões e ideias no diário de cada um. Na aula síncrona seguinte, que naquele período ocorrera quinze dias depois, as crianças apresentaram suas produções, emitiram opiniões e fizeram sugestões, logo no início da aula. Elas demonstraram empolgação e queriam muito “ajudar” o meio ambiente,

---

<sup>41</sup> Peter Albert David Singer é um filósofo e professor australiano. É professor na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Atua na área de ética prática, tratando questões de Ética de uma perspectiva utilitarista. Disponível em: <https://uchv.princeton.edu/people/peter-singer> Acesso em: 29/09/2021.

<sup>42</sup> O *Teams* é um software da *Microsoft* desenvolvido para a colaboração de equipes. Disponível em: <https://www.microsoft.com/pt-br/microsoft-teams/group-chat-software> Acesso em: 09/09/2021.

surgiram ideias como campanhas de conscientização, produção de cartazes, poesias, músicas, desenhos sobre a natureza e muito mais. Foram momentos inspiradores.

Por meio de tudo o que foi trazido pelas crianças, as aulas seguintes tiveram um novo sentido. Foi preciso reprogramar as atividades e o conteúdo outrora pensado, para que nossa investigação fosse ao encontro das propostas trazidas pelas crianças. Por mais que estávamos direcionados por um conteúdo filosófico acadêmico, também filosofamos pelas ideias trazidas pelas crianças, o que evidenciou o protagonismo dos aprendizes na construção coletiva do conhecimento filosófico.

- **Produções e ideias sobre o tema Bioética**

**Figura 1** Produção da estudante Ana sobre sustentabilidade .



(Acervo da autora)

**Figura 2** Produção da estudante Flávia sobre poluição.



(Acervo da autora)

## CONCLUSÃO

A elaboração deste memorial constituiu um exercício profundo de reflexão sobre minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional marcada por desafios, descobertas e realizações. Ao revisitar memórias de infância, experiências escolares, escolhas formativas e vivências no exercício da docência, tornou-se possível compreender que a construção da minha identidade enquanto professora, não ocorre de maneira linear ou simples; ao contrário, ela se desenvolve ao longo de um processo complexo, permeado por encontros, dificuldades, superações e transformações constantes.

A narrativa que apresentei ao longo deste trabalho, demonstra que meu desejo de ser professora nasceu muito cedo, ainda na infância, inspirado principalmente pela vivência cotidiana ao lado da minha mãe, também professora. Esse contato precoce com o ambiente escolar não apenas despertou curiosidade, mas também alimentou um imaginário no qual a escola se apresentava como um espaço de possibilidades, de aprendizado e de transformação. A experiência de acompanhar minha mãe em seu trabalho, observar suas aulas e, ainda criança, assumir simbolicamente o papel de professora diante de uma turma, se tornou um marco simbólico importante na formação da minha identidade profissional que viria a se consolidar anos depois.

Entretanto, a minha trajetória escolar, vivenciada enquanto estudante, esteve longe de ser idealizada. Ao contrário, foi marcada por experiências difíceis, por sentimentos de inadequação e por situações de sofrimento, como episódios de exclusão e bullying. Essas vivências, embora dolorosas, desempenharam um papel significativo na formação de uma consciência crítica acerca das práticas pedagógicas e das relações estabelecidas no ambiente escolar. Ao recordar episódios como o desrespeito de uma professora que rasgou um caderno diante da turma ou as dificuldades enfrentadas em determinadas disciplinas, evidenciam que tais experiências contribuíram para a construção de uma postura docente baseada na empatia, no respeito e na compreensão das singularidades dos estudantes.

Assim, posso afirmar que as experiências negativas vividas na escola não produziram apenas marcas dolorosas, mas também geraram reflexões importantes sobre o tipo de professora que eu desejava ser. Em outras palavras, tais vivências funcionaram como referenciais éticos e pedagógicos que orientaram a construção de uma prática

docente comprometida com o acolhimento, a escuta e o reconhecimento das diferenças. Nesse sentido, minha memória pessoal torna-se também um instrumento de reflexão pedagógica, pois permite compreender que a escola pode ser, ao mesmo tempo, um espaço de sofrimento e de emancipação.

A escolha pela Filosofia como campo de formação e atuação profissional representa outro momento decisivo da minha trajetória. Diferentemente de uma escolha previamente planejada, o encontro com a Filosofia ocorreu de forma ocasional, por meio de leituras, descobertas intelectuais e do contato com obras que despertaram questionamentos sobre a existência, o conhecimento e a condição humana. O contato com o livro *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, aliado às experiências vividas no cursinho pré-vestibular, foram determinantes para despertar o interesse por essa área do saber. A Filosofia apresentou-se como um campo capaz de acolher inquietações, questionamentos e reflexões que até então não haviam encontrado espaço em outras disciplinas.

O ingresso no curso de Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia representou, portanto, um marco na minha trajetória acadêmica e intelectual. Durante a graduação e posteriormente no mestrado, a pesquisa tornou-se elemento central na formação profissional, consolidando a compreensão de que ensinar filosofia implica, antes de tudo, filosofar. Nesse contexto, a atividade de pesquisa revelou-se não apenas uma exigência acadêmica, todavia um caminho fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico e da prática docente reflexiva.

Nesse memorial, destaco a ideia de que a pesquisadora antecede a professora. A investigação filosófica, o estudo sistemático e o diálogo com diferentes pensadores constituíram a base teórica necessária para o desenvolvimento de uma prática pedagógica consistente. A pesquisa permitiu compreender que o ensino de Filosofia não se reduz à transmissão de conteúdos históricos ou conceituais, mas envolve a criação de condições para que os estudantes desenvolvam a capacidade de questionar, argumentar e refletir criticamente sobre o mundo.

A minha inserção no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, representou um novo momento de desafios e aprendizagens. A atuação nesse contexto institucional revelou a complexidade do trabalho docente na Educação Básica vinculada à universidade, onde ensino, pesquisa, extensão e gestão se articulam como dimensões indissociáveis da carreira docente. Ao longo dos anos, tornou-se possível

compreender que ser professora nesse espaço, significa assumir múltiplas responsabilidades e participar ativamente da construção coletiva de projetos pedagógicos e institucionais.

Os primeiros anos de atuação foram especialmente desafiadores. O ensino de Filosofia ainda não estava plenamente consolidado na instituição, e foi necessário enfrentar resistências, reconstruir práticas e elaborar estratégias para demonstrar a relevância dessa disciplina no currículo escolar. Esse processo exigiu dedicação, estudo e trabalho coletivo, especialmente na construção de um currículo estruturado que permitisse organizar o ensino de Filosofia desde os anos iniciais até o final do ensino fundamental.

A elaboração desse percurso curricular representou um avanço significativo para a área de Filosofia na instituição, pois possibilitou a criação de um projeto pedagógico consistente, capaz de promover o desenvolvimento gradual das habilidades filosóficas dos estudantes. Nesse contexto, a reflexão sobre o significado de ensinar Filosofia tornou-se central. Inspirada por diferentes tradições filosóficas, a prática docente passou a buscar não apenas ensinar conteúdos filosóficos, mas estimular o exercício do pensamento crítico, do diálogo e da reflexão.

Outro aspecto fundamental dessa trajetória refere-se à descoberta e ao aprofundamento do ensino de Filosofia com crianças. A experiência de atuar nos anos iniciais do ensino fundamental trouxe novas perspectivas e desafios pedagógicos, exigindo a construção de metodologias adequadas à infância. Essa mudança ampliou significativamente a compreensão sobre o potencial da Filosofia na educação básica, demonstrando que crianças também são capazes de questionar, refletir e dialogar sobre temas filosóficos quando lhes são oferecidas oportunidades adequadas para isso.

Nesse processo, o ensino de Filosofia revelou-se não apenas como uma disciplina, mas como uma prática educativa voltada para o desenvolvimento da autonomia intelectual, da sensibilidade ética e da capacidade de diálogo. A Filosofia, nesse sentido, assume um papel formativo fundamental, contribuindo para a construção de sujeitos críticos e conscientes de sua participação na sociedade.

Outro elemento significativo abordado neste memorial refere-se à participação em atividades de pesquisa, extensão e gestão. Essas dimensões ampliam o alcance do trabalho docente e fortalecem o compromisso da instituição com a formação

integral dos estudantes. Projetos de extensão, produção acadêmica, organização de eventos e participação em atividades de gestão institucional constituem experiências que enriquecem a prática docente e fortalecem a articulação entre universidade e sociedade.

Ao longo dessa trajetória, torna-se evidente que o trabalho docente é profundamente marcado pelas relações humanas estabelecidas no cotidiano escolar. O convívio com estudantes, colegas professores, técnicos administrativos e demais membros da comunidade escolar contribui para a construção de uma rede de aprendizagens compartilhadas. Essas relações, muitas vezes desafiadoras, também são fonte de crescimento pessoal e profissional.

Um dos momentos mais significativos dessa jornada foi o processo de autoconhecimento que levou ao meu diagnóstico de autismo na vida adulta. Essa descoberta representou um ponto de inflexão na compreensão da minha história e das dificuldades enfrentadas ao longo da vida. A partir desse diagnóstico, tornou-se possível reinterpretar experiências passadas, compreender comportamentos e reconhecer que muitas das dificuldades que enfrentei estavam relacionadas a características próprias da condição autista.

Esse processo de autoconhecimento não diminui as conquistas alcançadas; ao contrário, evidencia a dimensão das superações que realizei ao longo da vida. A história que apresentei neste memorial demonstra que, apesar das dificuldades enfrentadas, foi possível construir uma carreira acadêmica e docente sólida, baseada na dedicação, perseverança e no compromisso com a educação.

Além disso, a descoberta da condição autista também abre novas possibilidades de reflexão sobre inclusão, diversidade e respeito às diferenças no contexto educacional. A presença de professores com diferentes trajetórias e características contribui para enriquecer o ambiente escolar e ampliar as perspectivas sobre o processo educativo.

Ao longo dos anos de atuação na ESEBA, inúmeras experiências marcaram profundamente minha prática docente: os desafios enfrentados em sala de aula, as conquistas acadêmicas, os projetos desenvolvidos, os laços de amizade construídos e, principalmente, as relações estabelecidas com os estudantes. Pequenos gestos, como desenhos, bilhetes e abraços recebidos ao final das aulas, revelam a dimensão afetiva da docência e reforçam o sentido humano da educação.

Esses momentos demonstram que o trabalho docente ultrapassa a transmissão de conteúdos e envolve a construção de vínculos, o cuidado com o outro e o compromisso com o desenvolvimento integral dos estudantes. Ensinar Filosofia, nesse contexto, significa também aprender continuamente com as perguntas, inquietações e reflexões trazidas pelos próprios alunos.

Por fim, este memorial evidencia que a trajetória profissional aqui apresentada não pode ser compreendida isoladamente, pois ela se constrói em diálogo com diferentes pessoas, instituições e experiências. A família, os professores, os colegas de trabalho, os estudantes e a própria instituição desempenharam papéis fundamentais na construção dessa história.

A Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia representa, nesse percurso, um espaço privilegiado de formação e atuação docente. Ao longo de dezesseis anos de trabalho nessa instituição, foi possível desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão que contribuíram não apenas para o crescimento profissional, mas também para a construção de um projeto de educação comprometido com a formação crítica e democrática dos estudantes.

Assim, ao olhar para o caminho percorrido, torna-se possível reconhecer que cada etapa dessa trajetória — desde as memórias de infância até a consolidação da carreira docente — contribuiu para a construção de uma identidade profissional singular. Essa identidade é marcada pela persistência, pela reflexão filosófica, pelo compromisso com a educação e pela crença de que o ensino pode transformar vidas.

Em síntese, este memorial revela que tornar-se professora é um processo contínuo de formação, no qual experiências pessoais, conhecimentos acadêmicos e práticas pedagógicas se entrelaçam na construção de uma trajetória única. A Filosofia, nesse contexto, não se apresenta apenas como um campo de estudo, mas como uma forma de compreender o mundo, de dialogar com os outros e de buscar constantemente novos sentidos para a educação.

Dessa forma, a trajetória aqui narrada reafirma a convicção de que ensinar Filosofia é, sobretudo, um convite permanente ao pensamento, ao diálogo e à construção coletiva do conhecimento. É nesse movimento contínuo de reflexão e aprendizagem que se encontra o verdadeiro sentido da docência. E por falar em desafios, lembro-me da canção:

Para Melhorar – Marisa Monte

“Quando você pensa  
Que tá tudo errado e negativo  
E que ainda vai piorar, piorar  
Pra todo mundo a vida é difícil  
Mas todos fazem seu sacrificio  
Pra melhorar, melhorar

Lá vem o sol  
Para derreter as nuvens negras  
Para iluminar o fim do túnel

E a luz do céu  
Para inspirar os seus desejos  
Pra fazer você encher o peito e cantar

Oh-oh, uoh  
Oh-oh, uoh  
Oh-oh, uoh  
Oh-oh, uoh

Compositores: Jorge Mário Da Silva / Marisa De Azevedo Monte / Flor Jorge Letra de  
Pra Melhorar © Cafune Produções Artísticas E Editoriais Ltda, Monte Songs Ed. Mus.  
Ltda.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JR., José Benedito. **A filosofia contra a intolerância: política e religião no pensamento de Jean-Jacques Rousseau**. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, 2008.
- ALMEIDA JR., José Benedito. **Como ler Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Paulus, 2013.
- ALMEIDA JR., José Benedito. **Educação e política em Jean-Jacques Rousseau**. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- ARCE, Alessandra. **A pedagogia na “era das revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2002.
- BERTRAM, Christopher. **Rousseau e Genebra**. *Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia*, v. 38, n. especial, 2015.
- BILIER, André. **O pensamento econômico social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- BITUN, Ricardo. **A Reforma Protestante: história, teologia e desafios**. São Paulo: Hagnos, 2020.
- BLUCHE, Frédéric; RIALS, Stéphane; TULARD, Jean. **Revolução Francesa**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BURGELIN, Pierre. **Jean-Jacques Rousseau et la religion de Genève**. Genève: Labor et Fides, 1962.
- BURGELIN, Pierre. **La Philosophie de l’Existence de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: PUF, 1962.
- CALVIN, Jean. **Les ordonnances ecclésiastiques de l’église de Genève**. Lyon: [s.n.], 1562. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5478956v.texteImage>. Acesso: 02/12/2022.
- CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã**. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2018.
- CASSIRER, Ernst. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHÂTEAU, Jean. **Rousseau: sa philosophie de l’éducation**. Paris: J. Vrin, 1962.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.
- COLLARES, V. C. Faixa de Gaza e o Hamas no imaginário social: a corrida pelo voto. *Revista Aurora*, UNESP, 2021.

CUNHA, C.; CUNHA, C. A. M. **Fundamentalismo à brasileira: perfil e enfoque do protestantismo de missão no Brasil.** Horizonte, 2020.

DANELON, M.; GALLO, Silvio; CORNELLI, Gabriele (org.). **Filosofia do ensino de filosofia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

DERATHÉ, Robert. **Rousseau e a ciência política de seu tempo.** São Paulo: Barcarolla, 2009.

DERATHÉ, Robert. **Le rationalisme de Jean-Jacques Rousseau.** Paris: PUF, 1948.

DIDEROT, Denis; D’ALEMBERT, Jean (Ed.). **Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une Société de Gens de lettres.** Paris, 1751–1772. v. 11. Disponível em: <http://encyclopedie.uchicago.edu>. Acesso: 24/04/2024.

FÁVERO, Altair Alberto; RAUBER, Jaime José; KOHAN, Walter Omar. **Um olhar sobre o ensino de filosofia.** Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: da teoria à prática.** São Paulo: Ática, 1976.

GOLDSCHMIDT, Victor. **Anthropologie et politique: les principes du système de Rousseau.** Paris: Vrin, 1983.

GONZÁLEZ, Abel Gustavo Garay; MELLO, Maria Aparecida. **Vygotsky e a teoria histórico-cultural.**

GOUHIER, Henri. **Les méditations métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau.** Paris: Vrin, 1984.

GUIMARÃES, Ged. **A recusa da sociedade do espetáculo no processo de formação do homem autônomo.** Tese (Doutorado). UFMG, 2004.

GUIDO, Humberto. **A arte de aprender: metodologia do trabalho escolar para a educação básica.** Petrópolis: Vozes, 2008.

HILLEL, Schwarz. **The French Prophets: The History of a Millenarian Group in XVIIIth-Century England.** Berkeley: University of California Press, 1980.

HOBBS, Thomas. **Leviatã.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HUBER, Marie. **Le Monde fou préféré au monde sage, en vingt-quatre promenades de trois amis, Criton philosophe, Philon avocat, Eraste négociant.** [s.l.], 1731.

HUBER, Marie. **Lettres sur la religion essentielle à l'homme, distinguée de ce qui n'en est que l'accessoire.** Chez J. Wetstein et W. Smith, 1738.

HUBER, Marie. **Suite sur la religion essentielle à l'homme, servant de réponse aux objections qui ont été faites à l'ouvrage qui porte ce titre.** Londres, 1739.

HUBER, Marie. **Réduction du Spectateur Anglois à ce qu'il renferme de meilleur, de plus**

utile & de plus agréable. 3. partie. Amsterdam: Zacharie Chatelain & Fils, 1753.

HUBER, Marie. **Recueil de diverses pièces servant de supplément aux Lettres sur la religion essentielle à l'homme**. Berlin: Étienne de Bourdeaux, 1754.

HUBER, Marie. **Un Purgatoire protestant? Essai sur l'état des âmes séparées des corps**. Introdução e notas de Yves Krumenacker. Genève: Labor et Fides, 2016.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

KAWAUCHE, Thomaz Massadi. **O essencial da religião em Marie Huber e J. J. Rousseau**. Argumentos, Fortaleza, v. 4, n. 8, p. 115–123, 2012.

KAWAUCHE, Thomaz Massadi Teixeira. **Religião e política em Rousseau**. Tese (Doutorado). USP, 2012.

KITTS TEINER, Heinz D. **La Naissance de la conscience morale**. Paris: Cerf, 1997.

KRUMENACKER, Yves. L'évolution du concept de conscience chez Marie Huber. Dix-huitième siècle, Paris: PUF, n. 34, 2002, p. 225–237.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

KOHAN, Walter Omar (org.). **Políticas do ensino de filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana Míriam (org.). **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman**. Petrópolis: Vozes, 1998.

KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera (org.). **Filosofia para crianças na prática escolar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David. **Filosofia e infância: possibilidades de um encontro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAGRÉE, Jacqueline. **La religion naturelle**. Paris: PUF, 1991.

LAUNAY, Michel. **Jean-Jacques Rousseau: écrivain politique**. Grenoble: ACER, 1971.

LEFEBVRE, Philippe. **Les pouvoirs de la parole: l'Église et Rousseau**. Paris: CERF, 1992.

LOCKE, John. **Dois tratados do governo civil**. Lisboa: Edições 70, 2006.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1988.

LOPES, M. A. **O absolutismo**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Edipro, 2015.

MASSON, Pierre Maurice. **La religion de J. J. Rousseau**. Paris: Hachette, 1916.

MAYER, Sérgio. **Filosofia com jovens**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MISES, Ludwig von. **O livre mercado e seus inimigos**. São Paulo: Vide Editorial, 2016.

MONROE, Paul. **História da educação**. São Paulo: Nacional, 1956.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias: linhas de experiências**. Curitiba: CRV; Uberlândia: EDUFU, 2020.

NASCIMENTO, Milton Meira. **Opinião pública e revolução**. São Paulo: EDUSP, 1989.

NEGRONI, Barbara de. **La bibliothèque d'Emile et de Sophie**. Dix-huitième siècle, 1987.

OLIVEIRA, Paula Ramos de. **Um mundo de histórias**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**. São Paulo: Summus, 2015.

## ANEXOS

### Momentos marcantes no Cap UFU

**Figura 1: Recebendo flores em dias comuns**



(Acervo da autora)

**Figura 2: Dia de jogos lógicos em sala**

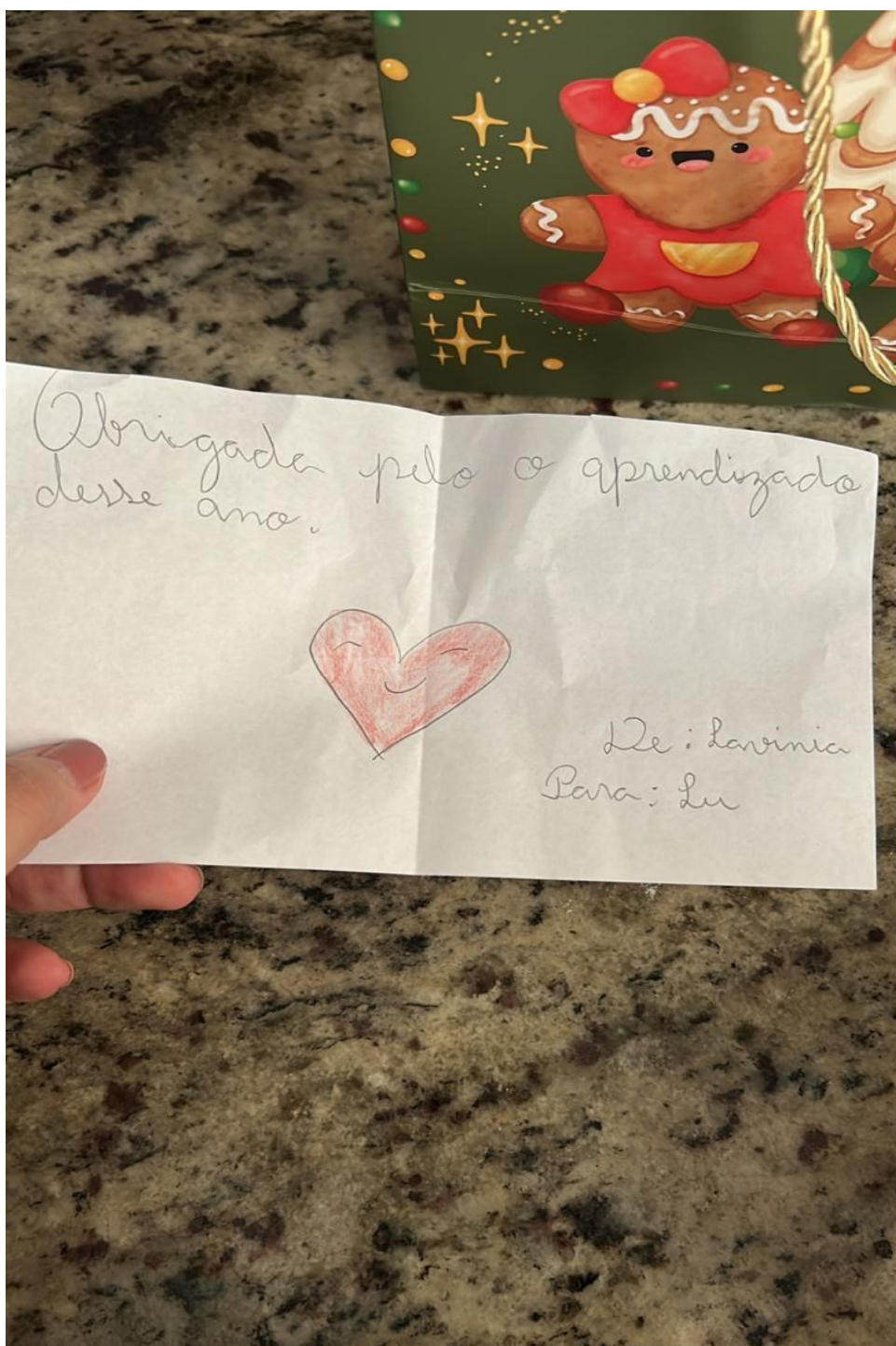


(Acervo da autora)

**Figura 3: Dia do lançamento do Documentário *Há uma luz fora da Caverna* (Professores: Luciana e Rones e nossos estudantes participantes):**



**Figura 3 e 4: Bilhetes carinhosos que alegram nosso dia**



(Acevo da autora)

QUERIDA PROFESSORA LUCIANA

TENHO UM ENORME CARINHO POR VOCÊ!

AGRADEÇO MUITO POR ESSE ANO  
DE MUITOS CONHECIMENTOS,  
E VÁRIOS ACONTECIMENTOS!

OBRIGADA PELA SUA PACIÊNCIA  
E MUITA DEDICAÇÃO!  
UM ABRAÇO DO GUSTAVO

LOMBARDI

DEZ/25

(Acervo da autora)

**Figura 5 e 6: Companheirismo e amizade nascidos na Cap UFU (Claudia e Quênia, vocês são parte da minha jornada!)**



**(Acervo da autora)**